

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA LAURA DIAS FONSECA

**A CONSTRUÇÃO DE INIMIGOS PROMOVIDA PELO GOVERNO
POPULISTA DE JAIR BOLSONARO (2019-2022) NA POLÍTICA EXTERNA
BRASILEIRA:
UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DO PRESIDENTE EM
FÓRUNS MULTILATERAIS**

UBERLÂNDIA - MG

2023

MARIA LAURA DIAS FONSECA

**A CONSTRUÇÃO DE INIMIGOS PROMOVIDA PELO GOVERNO
POPULISTA DE JAIR BOLSONARO (2019-2022) NA POLÍTICA EXTERNA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DO PRESIDENTE
EM FÓRUMS MULTILATERAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Relações Internacionais,
do Instituto de Economia e Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Áureo de Toledo Gomes

UBERLÂNDIA

2023

MARIA LAURA DIAS FONSECA

A CONSTRUÇÃO DE INIMIGOS PROMOVIDA PELO GOVERNO POPULISTA DE JAIR BOLSONARO (2019-2022) NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DO PRESIDENTE EM FÓRUMS MULTILATERAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais, do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Uberlândia, 27 de novembro de 2023.

Banca examinadora:

Dr. Aureo de Toledo Gomes (UFU)

Orientador

Dr. Edson José Neves Júnior (UFU)

Dra. Sandra Aparecida Cardozo (UFU)

RESUMO

Governos populistas de extrema-direita trazem para o cenário político internacional um tipo de retórica que afeta diretamente a forma como as políticas externas são promulgadas e implementadas. Considerando este panorama, o objetivo central deste estudo consistiu em analisar, sob uma perspectiva teórica, a interligação entre o populismo do governo de Jair Bolsonaro e sua política externa, com foco na identificação das implicações dessa relação, especialmente no que diz respeito à construção de inimigos. Diante disso, a presente monografia resgatou contribuições de notáveis estudiosos, a fim de abordar as principais características do populismo como lógica política, a relação entre a política externa e a criação de ameaças, a intersecção do populismo e da política externa e o histórico da política externa do governo Bolsonaro. Valendo-se da vertente metodológica da Análise de Conteúdo, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa dos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro durante sua participação em fóruns multilaterais. Os resultados obtidos após o desenvolvimento da análise demonstram como o presidente incorporou elementos do populismo na política externa e buscou remodelar a identidade nacional do Estado para legitimar e fortalecer suas visões de extrema-direita. Destarte, as conclusões apontam que Bolsonaro, ao longo de seu mandato, intencionalmente criou inimigos por meio de sua retórica, usando essa narrativa como uma tática estratégica para consolidar uma base de apoio para seu governo.

Palavras-chave: populismo; política externa; inimigos; extrema-direita.

ABSTRACT

Right-wing populist governments bring to the realm of international politics a kind of rhetoric that directly impacts how foreign policies are formulated and implemented. Considering this backdrop, the main objective of this study was to analyze, from a theoretical perspective, the interplay between the populism of Jair Bolsonaro's government and its foreign policy, with a particular focus on understanding the implications of this relationship, especially concerning the construction of enemies. To achieve this, this thesis drew upon the contributions of prominent scholars to address key aspects of populism as a political logic, the relationship between foreign policy and the creation of threats, the intersection of populism and foreign policy, and the historical context of Bolsonaro's foreign policy. Utilizing the methodological approach of Content Analysis, a quantitative and qualitative analysis of former President Jair Bolsonaro's speeches during his participation in multilateral forums was conducted. The results obtained after the analysis reveal how the president incorporated elements of populism into foreign policy and sought to reshape the national identity of the state to legitimize and strengthen his far-right views. Consequently, the conclusions indicate that throughout his term, Bolsonaro deliberately created adversaries through his rhetoric, employing this narrative as a strategic tactic to consolidate a support base for his government.

Keywords: populism; foreign policy, enemies, far-right.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO POPULISMO.....	8
3. POLÍTICA EXTERNA E A PRODUÇÃO DE INIMIGOS.....	14
4. A INTERSECÇÃO DO POPULISMO E DA POLÍTICA EXTERNA.....	17
5. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PEB DE BOLSONARO.....	22
6. METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	27
7. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	31
7.1. Religião.....	34
7.2. Nacionalismo.....	41
7.3. Globalismo.....	48
7.4. Corrupção.....	49
7.5. Conservadorismo.....	52
7.6. Comunismo.....	57
7.7. Ideologia.....	64
7.8. Análise Geral.....	67
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
9. REFERÊNCIAS.....	72

1. INTRODUÇÃO

Os discursos e pronunciamentos emanados da figura do Chefe de Estado de uma nação desempenham um papel fundamental na política externa de seu país. Um dos motivos para isto é o fato da manifestação oral de um presidente possuir a capacidade de alcançar milhões de pessoas, pertencentes a grupos diversificados em vários locais do mundo, ao emanar de uma figura central da sociedade – que exerce a direção superior da administração federal (PALUMBO, 2013). Mais especificamente, o pronunciamento de um presidente se torna foco de atenção das mais diversas camadas sociais em decorrência dos tópicos discursivos levantados nele, que se relacionam a questões de ordem nacional e internacional (PALUMBO, 2013).

Nesse sentido, a fala de um Chefe de Estado é interesse tanto para seus governados, quanto para as outras nações, sejam elas aliadas ou inimigas, ao passo que, por ela, torna-se possível comandar, abrir espaços de discussão e de deliberação, legislar, desenvolver tratados e alianças, prometer, negociar, convencer e persuadir (PALUMBO, 2013). Tratando-se precisamente da composição do discurso, este figura como o enunciado ou texto produzido em uma situação de enunciação, determinado por condições históricas e sociais (POSSENTI, 2023).

Ou seja, o discurso é um fato socialmente construído, moldado pelos processos da prática social, servindo como ferramenta de análise da ação dos tomadores de decisão na política em geral (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015). Portanto, o discurso é responsável por elucidar as visões, ideias e principalmente, intenções e interesses dos atores, considerando questões relevantes como: quem discursa, para quem se discursa, em qual lugar e com qual objetivo se discursa (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015).

Segundo Chilton (2004), o discurso em um contexto político serve também para auxiliar na busca pelo poder, podendo ser entendido como um exercício inserido na disputa de dominação societal (CHILTON apud PALUMBO, 2013). Dessa forma, os próprios políticos dimensionam a importância dos discursos para que possam alcançar seus objetivos políticos, e, para que esses objetivos sejam atendidos, é necessário que os discursos orientem uma imagem de si, de seu grupo e das suas propostas, a fim de que a sua audiência passe a confiar em seus projetos e suas capacidades de cumpri-los, e desta maneira, apoie suas tomadas de decisão (PALUMBO, 2013).

No âmbito da política internacional e das relações exteriores, as manifestações discursivas de um presidente contam com algumas particularidades por conta das próprias

especificidades desse campo, que se apresenta em um cenário de mudanças sociais diversas e participação ativa dos atores nele presente (PALUMBO, 2013). Além disso, trazem consigo a orientação governamental de um Estado em relação a determinados governos, regiões, estruturas e conjunturas internacionais específicas, auxiliando a configurar a própria política externa (PALUMBO, 2013).

Isto posto, o presente trabalho pretende, por meio da vertente metodológica da Análise de Conteúdo, fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro durante sua participação em fóruns multilaterais, nos quais ele aparece como representante do Brasil e da política externa brasileira. Pois, analisando os discursos presidenciais, é possível tornar pública a ação e/ou intenção do governo, assim como utilizar a interpretação dos pronunciamentos oficiais para alcançar conclusões.

Assim, a importância da análise de conteúdo dos pronunciamentos se dá na sua capacidade de apresentar os parâmetros da política externa brasileira do governo no poder, explicitando a posição do Estado perante questões mundiais. Além disso, anuncia as inflexões, protestos, descontentamentos, apoios e acusações deste perante a comunidade internacional (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015)

No contexto deste trabalho, busca-se realizar o levantamento das informações, propriedades e peculiaridades presentes nos textos em favor da análise de política externa, sob justificativa de contribuir na interpretação da realidade política, social e econômica da política externa brasileira (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015). Mais especificamente, o objetivo é compreender, a partir de uma abordagem teórica, a relação entre o caráter populista do governo Bolsonaro e a política externa adotada, identificando as implicações desta relação por meio do conteúdo presente nos discursos.

Segundo Guimarães e Silva (2021), governos populistas de extrema-direita trazem para o cenário político um tipo de retórica, a qual muitos pensavam ter desaparecido há muito tempo, que afeta diretamente a forma como as políticas externas são promulgadas e implementadas em todo o mundo. E, para muitos, o Brasil sob Bolsonaro passou a simbolizar o governo populista de extrema-direita nas Américas ainda mais do que os Estados Unidos sob Donald Trump (GUIMARÃES e SILVA, 2021). Desta forma, ao observar como os governos populistas constroem sua identidade internacional em relação a outros governos conservadores e rivais ideológicos, é possível entender como esse tipo de governo transforma aspectos domésticos do populismo em ferramentas de política externa (GUIMARÃES e SILVA, 2021).

Uma maneira de se fazer isto é com a afirmação, geralmente emanada do líder populista, de que ele representa o 'povo' contra o *establishment*, apresentando suas demandas como a verdadeira expressão da vontade popular no âmbito internacional (WOJCZEWSKI apud GUIMARÃES e SILVA, 2021). Assim, como proposto por Ernesto Laclau, ressaltam-se as duas pré-condições mínimas para um processo populista: a formação de uma fronteira antagônica interna separando o 'povo' do poder e das 'elites' e uma correspondente articulação de demandas que permitiria ao “povo” superar e substituir a “elite” (LACLAU apud GUIMARÃES e SILVA, 2021).

Com isso, o líder pode utilizar-se de uma imagem de oposição manipulando a lógica amigo/inimigo em assuntos internacionais, criando inimigos artificiais e conspiratórios para sustentar sua narrativa (GUIMARÃES e SILVA, 2021). Diante disso, cria-se a seguinte pergunta de pesquisa: Bolsonaro utilizou a criação de inimigos, ao mobilizar conceitos que reforçam a lógica antagonista nos seus discursos no âmbito da política externa, como estratégia política? Frente a tal questionamento, a hipótese a ser defendida é a de que o ex-presidente Bolsonaro, ao longo de seus quatro anos de mandato, deliberadamente criou adversários através de sua retórica, utilizando essa narrativa como uma ferramenta e estratégia para conseguir aglutinar uma base de apoio para o seu governo.

Ao fazer isto, ele almeja a obtenção de aprovação e legitimidade desta base de apoio, tanto interna como externa, colocando-se como o antagonista e ferrenho combatente deste inimigo. Portanto, a política externa de diferenciação empregada por Bolsonaro, potencializada pelo caráter populista do governo, reflete uma estratégia e molda um posicionamento do Brasil em relação a assuntos-chave perante o mundo.

Para atingir o objetivo proposto, será utilizado o método de análise de conteúdo. De acordo com Krippendorf (2004), esta é uma técnica de pesquisa utilizada para fazer inferências replicáveis e válidas de textos, ou outras fontes de conteúdo, nos contextos de seu uso. Por ser uma técnica, a análise de conteúdo envolve procedimentos especializados que garantem a obtenção de novas inferências, aumentam o entendimento do pesquisador sobre um fenômeno particular e também informam ações práticas (KRIPPENDORF, 2004).

Portanto, Vilela e Neiva (2011) definem a análise de conteúdo como uma técnica sistemática replicável de agregação de palavras em um certo número de categorias significativas, baseando-se em regras de codificação. Dessa forma, a análise de conteúdo é baseada na contagem do número de ocorrência de palavras e conceitos, e a distinção na distribuição de frequências aponta as similaridades e diferenças no conteúdo dos textos, assim como indica a importância conferida aos termos utilizados (VILELA & NEIVA, 2011).

Laurence Bardin (1977) indica que o método de análise de conteúdo deve ser dividido em três etapas: a pré-análise, que consiste na organização do material a ser analisado e na definição da finalidade geral da análise; a exploração dos materiais, que abrange a codificação das fontes e sua classificação; e o tratamento dos resultados, que compreende a interpretação dos dados (BARDIN, 1977). Em suma, a análise de conteúdo é um método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas, de natureza descritiva. Esse método permite que os pronunciamentos sejam transformados em dados quantitativos que podem ser lidos e interpretados de forma qualitativa e lógica.

No contexto deste trabalho, mesmo não optando por ter como foco principal a vertente da Análise de Discurso, a proposta de Análise de Conteúdo de pronunciamentos oficiais incorpora questões trabalhadas por ela, a exemplo da capacidade dos discursos serem sistemas de significação que caracterizam determinado contexto social e político, operando para trazer à tona conhecimento sobre a realidade social (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015). Contudo, a finalidade principal é realizar, por meio da Análise de Conteúdo de pronunciamentos oficiais, o levantamento das informações, propriedades e peculiaridades presentes nos pronunciamentos em prol da análise de política externa (SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2015).

Ademais, a abordagem metodológica adjacente adotada neste projeto será a de revisão bibliográfica. Por meio dela, será realizada uma análise detalhada de publicações acadêmicas, livros, artigos científicos e outras fontes relevantes sobre o tema em questão. Com isso, a revisão bibliográfica permitirá explorar e sintetizar o conhecimento já existente sobre a temática, e oferecerá embasamento teórico consistente, permitindo uma compreensão mais ampla do fenômeno em estudo.

O presente trabalho contou com duas partes principais, a primeira delas teórica e a segunda analítica. Desta forma, a parte teórica conta com 5 capítulos que, de maneira geral, foram frutos de revisão bibliográfica acerca de determinado assunto. No capítulo intitulado como "Características Gerais do Populismo", buscou-se compreender o que é o populismo segundo a visão de autores relevantes sobre o tema. Similarmente, o capítulo "Política Externa e a Produção de Inimigos" traz uma abordagem teórica para compreender como a política externa pode ser uma ferramenta utilizada para a criar a noção de perigo, ameaças e inimigos. O capítulo seguinte, "A intersecção do Populismo e da Política Externa" visa demonstrar como estes dois temas se relacionam, corroborando para ampliar a visão sobre o tema do trabalho.

Além destes, o capítulo intitulado "Características Gerais da Política Externa Brasileira de Bolsonaro" discute o panorama geral da condução da política externa do Brasil sob a liderança de Jair Bolsonaro. No derradeiro capítulo de caráter teórico, intitulado "Metodologia: Análise de Conteúdo," é apresentada a metodologia empregada neste estudo, estabelecendo os princípios orientadores que nortearam a análise. Em seguida, entramos na seção analítica, representada pelo capítulo "Análise" que, seguindo as bases estipuladas pela metodologia, parte da pergunta de pesquisa e investiga a hipótese previamente formulada. Por fim, o trabalho é concluído com as considerações finais, que englobam a síntese de todo o argumento apresentado.

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO POPULISMO

Assim como apontam Thomás Zicman de Barros e Miguel Lago (2022), por mais que autores e estudiosos busquem apresentar uma definição única para o fenômeno do populismo, não é possível caracterizá-lo de forma singular. A história conta com as mais distintas variações e manifestações de movimentos populistas, e portanto, pesquisadores empenharam-se em definir, ao menos, um "núcleo duro" do fenômeno, para tentar compreendê-lo de forma abrangente (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Desta forma, os traços que sintetizam o populismo podem ser encontrados nos mais diversos contextos, recorrendo aos mais profusos públicos (BARROS; LAGO, 2022)

Apesar da falta de consenso acadêmico geral sobre os atributos definidores do populismo, existe o consenso de que todas as formas de populismo incluem algum tipo de apelo ao "povo" e uma denúncia da "elite" (MUDDE e KALTWASSER, 2017). Sendo assim, torna-se possível afirmar que o populismo envolve sempre uma crítica ao sistema estabelecido (*establishment*) e uma exaltação das pessoas comuns (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

Em termos gerais, o populismo é um fenômeno que pode emergir tanto em contextos rurais quanto urbanos. Segundo alguns autores, ele não se vincula a uma ideologia específica, abrangendo experiências tanto de orientação à esquerda quanto à direita. Além disso, ocorre em ambientes não democráticos, em democracias frágeis e também em democracias consolidadas (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Ou seja, o populismo é uma construção que pode assumir variadas configurações políticas e sociais (MENDONÇA, 2019).

Sobre sua composição básica, a categoria central do populismo é o povo, seu sujeito político (MENDONÇA, 2019). Em relação à sua ideologia, autores como Pierre Ostiguy, Benjamin Moffit e Théo Aiolfi acreditam que o populismo não pode ser compreendido sociologicamente, e, portanto, não possui uma ideologia própria. Eles consideram que o

movimento é, na realidade, uma forma de realizar a política (BARROS; LAGO, 2022). De maneira similar, Laclau (2005) entende que, partindo de uma perspectiva ontológica, o populismo não é uma ideologia, uma forma de governo ou regime político, mas sim uma lógica política que contrapõe uma lógica social (LACLAU apud MENDONÇA, 2019).

Contudo, Mudde e Kaltwasser (2017), em uma das tentativas de definir minimamente o populismo, apontam, de maneira contrária a outros autores, que ele deve ser entendido como "uma ideologia frágil" que separa a sociedade em dois campos homogêneos e antagônicos – o 'povo puro' *versus* a 'elite corrupta'. Além disso, consideram que a política, dentro de uma configuração populista, é a expressão da vontade geral do povo (MUDDE e KALTWASSER, 2017). No caso dos autores, a defesa do populismo como ideologia é um argumento central, uma vez que consideram que ela seja a detentora de uma "morfologia restrita", e por isso, deve estar necessariamente ligada a outras ideologias (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Sendo assim, residiria neste argumento a explicação do populismo se apresentar de diversas formas em distintos momentos históricos (MENDONÇA; RESENDE, 2021).

Diante da definição traçada por Mudde e Kaltwasser, Mendonça e Resende (2021) entendem que ela não resulta em uma definição realmente mínima, pois seus elementos não são capazes de serem usados universalmente para todos os casos de populismo. Com isso, o conceito dos autores extrapola a simplicidade conceitual julgada necessária para a compreensão do populismo, ao trazer consigo elementos questionáveis (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Um desses elementos é justamente o fator ideologia presente na caracterização do populismo, que dispara o questionamento de Mendonça e Resende: se o populismo é um tipo de ideologia, ainda que frágil, qual é a visão de mundo que ela comporta?

Nesse sentido, sob uma perspectiva contrária, Mendonça e Resende (2021) sustentam que o populismo não representa uma ideologia, mas sim uma forma particular de antagonismo que contrapõe o povo e seus inimigos. Isso configura uma relação antagônica que, apesar de se relacionar com várias ideologias, em termos ontológicos, não comporta nenhuma (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Este argumento segue o do autor Ernesto Laclau, que em sua obra "Towards a Theory of Populism", de 1977, já percebe que o populismo deve ser analisado a partir do antagonismo específico do povo *versus* seus inimigos.

Em uma de suas passagens na obra, ele escreve: "a contradição entre povo e bloco de poder é um antagonismo, cuja inteligibilidade não depende das relações de produção, mas do complexo de relações políticas e ideológicas de dominação que constituem uma formação social determinada" (Laclau, 1977, p. 166).

Porém, é na sua obra "On Populist Reason" (2005), que ele propõe destrinchar quais são os aspectos principais que devem ser utilizados para caracterizar o populismo. Laclau parte do pressuposto de que o populismo é um movimento multiclasse, muitas vezes sob liderança carismática, que, geralmente, inclui componentes contrastantes, como a reivindicação de igualdade de direitos políticos e participação universal para as pessoas comuns em contraposição com a presença de algum tipo de autoritarismo (LACLAU, 2005). Então, como premissa básica, o populismo para Laclau traz consigo a afirmação dos direitos das pessoas comuns face aos grupos de interesse privilegiados, habitualmente considerados inimigos do povo e da nação.

Mais especificamente, Laclau (2005) entende que existem três pré-condições básicas para que o populismo tome forma no contexto social e cultural de alguma nação. Primeiro, é preciso que se forme uma fronteira antagonista que separe o 'povo' do poder, depois, uma articulação equivalente de demandas que torne possível a emergência do 'povo' como representação de uma totalidade e, por fim, a unificação dessas várias demandas – cujas equivalências, até então, não haviam ido além de um sentimento de vaga solidariedade, em um sistema de significação (LACLAU, 2005).

Neste contexto, ele estabelece a sua unidade mínima de análise, a demanda social. Segundo Laclau (2005), esta categoria é determinante para a emergência do populismo, e existem duas formas de compreendê-la (LACLAU apud MENDONÇA; RESENDE, 2021). Mendonça e Resende (2021), numa referência à Laclau, esclarecem que a demanda é concebida como uma requisição feita diretamente através dos canais institucionais formais. Inicialmente, pode se tratar de um pedido simples e, posteriormente, evoluir para uma reivindicação. Caso uma demanda não seja satisfeita, apesar da frustração resultante da sua não realização, a chance é que ela desapareça, a não ser que outras demandas igualmente não atendidas comecem a estabelecer uma relação de articulação entre si (LACLAU apud MENDONÇA; RESENDE, 2021).

Com o surgimento de outras demandas não atendidas, desponta, então, uma relação de equivalência entre elas, resultando em um abismo cada vez maior que separa o sistema institucional do povo (LACLAU, 2005). Neste caso, as demandas mudam o status de simples pedidos para o de reivindicações, e desse ponto em diante, tem-se a formação de uma fronteira internacional, uma dicotomização do espectro político local através da emergência de uma cadeia de equivalência de demandas insatisfeitas, separando o 'povo' do 'poder' (LACLAU, 2005).

Tendo este processo em vista, Laclau (2005) confere a essa pluralidade de demandas que, por meio de sua articulação equivalente, constituem uma subjetividade social mais ampla, a denominação de demandas populares. Quando uma ou várias das demandas articuladas, em um momento específico e incerto, se tornam a representação central das preocupações populares, ocorre o processo de hegemonização. Além disso, à medida que a cadeia de equivalências se estende, às demandas individuais que assumem o papel de representar essa cadeia se tornam menos definidas (LACLAU, 2005).

De acordo com Mendonça e Resende (2021), é a partir deste momento que se chega em um ponto crucial para a compreensão da lógica populista traçada por Laclau: "a construção de uma subjetividade popular só é possível com base na produção discursiva de significantes tendencialmente vazios". Deste ponto em diante, torna-se necessário explicitar pressupostos ontológicos mais gerais que regerão a análise geral de Laclau sobre o populismo: o discurso e os significantes vazios.

Sobre o discurso, ele é entendido como o terreno primordial da constituição da objetividade, não restringindo-se aos domínios da fala e da escrita, mas a qualquer complexo de elementos em que as relações desempenham um papel constitutivo (LACLAU, 2005). Numa referência ao linguista Ferdinand Saussure, Laclau (2005) argumenta que não há termos positivos na linguagem, apenas diferenças, ou seja, algo é o que é apenas por meio de suas relações diferenciais com outra coisa. Desta forma, abrem-se os caminhos para o entendimento da lógica de diferenciação citada à priori.

Sobre os significantes vazios, o trabalho de Thomás Zicman de Barros, "The polysemy of an empty signifier: the various uses of Ernesto Laclau's puzzling concept" (2023), nos ajuda a ter uma maior compreensão sobre o termo. Segundo Barros (2023), essa noção foi cunhada por Laclau, e outros colegas escritores, para estudar a construção de identidades políticas em geral, e do populismo, em particular. Mas o que significa para um significante ser vazio? E como esse significante opera? (DE BARROS, 2023).

Primeiro, ele aponta que o significante vazio é frequentemente relacionado ao seu conceito de significante mestre, sendo este o elemento discursivo que: dá sentido a toda a cadeia de significantes, figura como a última referência de significado e compõe o núcleo de qualquer ideologia (DE BARROS, 2023). É o significante mestre que garante a legibilidade de qualquer discurso dado e, sem ele, os outros significantes estariam flutuando (BARROS, 2023). Esse estado flutuante explica como os discursos são flexíveis e podem ser transformados (DE BARROS, 2023).

Contudo, ao dar, propriamente, definição à noção de significante vazio, Laclau entende que ele não é um simples sinônimo de significante mestre, mas um representante da sistematicidade do sistema. Dessa forma, o significante vazio, então, relaciona-se parcialmente com a universalidade, que está associada a tendências homogeneizadoras, e portanto, a importância dos significantes vazios está justamente em homogeneizar um espaço social extremamente heterogêneo (DE BARROS, 2023). A partir de uma discussão sobre equivalência e diferença, o significante vazio surge como conceito na tentativa de redefinição da relação existente entre universalidade e particularidade, o que reforça a lógica de equivalência e diferenciação (DE BARROS, 2023).

Através de um raciocínio muito formal, o que Laclau tenta mostrar é ao mesmo tempo o caráter particular da universalidade – isto é, o fato de que todo apelo ao universal é sempre contingentemente corporificado em uma particularidade –, e o fato de que uma dimensão universal está presente em cada discurso (DE BARROS, 2023). Partindo deste ponto, Barros então aponta que, ao longo da obra de Laclau, à medida que o significante vazio reaparece em diferentes publicações, novos usos e possibilidades para o conceito eram sugeridos:

A polissemia é tão intensa que é difícil afirmar que se trata de diferentes dimensões de um mesmo conceito, dimensões que poderiam ser colocadas juntas de forma coerente. Para explicar isso, [...] o significante vazio será apresentado criticamente como: (1) um símbolo do ser puro do sistema simbólico; (2) uma demanda particular que representa todas as outras lutas políticas particulares; (3) um símbolo “negativo” que nomeia um outro antagônico; (4) um símbolo cujo conteúdo é problemático; (5) um símbolo que aponta para um espaço simbólico não saturado, para uma identidade aberta (BARROS, 2023, p. 5, tradução livre)

No entanto, esses diferentes usos coexistiram na obra de Laclau, uma vez que ele próprio nunca se distinguiu entre essas diferentes aplicações do conceito. Desta maneira, todos os seus usos nos ajudam a entender melhor a proposta de populismo e, especialmente, a criação de inimigos. Isso porque, o significante vazio pode nomear o outro antagônico que ameaça a identidade de alguém, uma vez que este outro simboliza tudo o que está além do sistema simbólico utilizado pelo 'povo', tornando-se o significante da pura ameaça (DE BARROS, 2023).

Portanto, de maneira geral, a proposta de populismo cunhada por Laclau é bastante calcada no conceito da formação do outro antagônico, ou seja, do inimigo – objeto de estudo sugerido no trabalho. Tratando um pouco mais a fundo a relação antagônica descrita por Laclau e Mouffe (1985), os autores entendem que ela se dá quando a presença do outro impede a constituição plena de um "nós" e, ao mesmo tempo, é percebida como uma ameaça.

Mouffe (2005) considera que o outro antagônico é um inimigo: "antagonismo é uma relação nós/eles na qual os dois lados são inimigos que não compartilham nenhum terreno comum" (MOUFFE apud MENDONÇA; RESENDE, 2021).

Sendo assim, o antagonismo consiste na identificação política do inimigo e, além disso, a relação antagônica é quem vai definir os inimigos e conferir-lhes existência, sempre de maneira contingente (MENDONÇA; RESENDE, 2021). De acordo com Barros e Lago (2022), a linguística moderna ensina que o significado das palavras é relacional, ou seja, uma palavra só tem sentido porque está em uma teia de relações com outras palavras. De maneira similar, as identidades políticas funcionam na lógica relacional, em que só sabemos o que somos "nós" pois existe algo alheio, como os "outros" (BARROS; LAGO, 2022).

Desta maneira, nas vivências populistas, só é possível conhecer o "povo" a partir do momento em que a relação antagônica se desenrola e surge também o "inimigo" (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que não há nenhuma essência para ambos, já que suas identidades são construídas antagonicamente, fazendo que o antagonismo represente, ao mesmo tempo, a condição de possibilidade e impossibilidade de uma identidade política (MENDONÇA; RESENDE, 2021). Com isso, o povo, originado pela presença do inimigo, tem a sua identidade bloqueada de uma constituição plena, em vista da existência de outro antagônico (MENDONÇA; RESENDE, 2021).

Além deste aspecto, fundamental para o entendimento do populismo, Barros e Lago (2022) tratam sobre o caráter transgressor do populismo, que Laclau e Mouffe não abordam. Para eles, a dimensão transgressiva do populismo está ligada à sua capacidade de produzir dissenso. Segundo esta visão, o populismo está diretamente ligado a crises, tanto no sentido de ser fruto de uma delas, quanto no de gerá-las (BARROS; LAGO, 2022). Assim, os autores pontuam que:

O dissenso populista toma um rumo problemático quando as crises geradas são fantasiosas, conspiracionistas, destinadas a criar pânico moral, e quando o que inclui são discursos intolerantes, advindos do que Hannah Arendt chamaria de "ralé", que suscitam e sustentam a discriminação contra grupos subalternizados (BARROS; LAGO, 2022, p. 81)

Neste cenário, o antagonismo entre o "povo" e a "elite" (ou inimigos) adquire um caráter narcisista e moralista, opondo o bem contra o mal, os puros contra os corruptos. Isto posto, o dissenso torna-se apenas uma ferramenta para consolidar a ideia de um "povo" com

uma identidade fechada, num ambiente em que tudo o que é diferente precisa ser eliminado (BARROS; LAGO, 2022). Por outro lado, quando o populismo surge de uma crise já existente, ele pode ser entendido como uma resposta à vulnerabilidade. Barros e Lago (2022) definem que esta vulnerabilidade é de cunho ontológico, produzida pela própria modernidade, capaz de atingir a todos num contexto em que as formas de autoridade tradicionais são colocadas em questão.

Sendo assim, diante de tal vulnerabilidade, o populismo reacionário oferece discursos que prometem certezas e segurança, atribuindo a causa da angústia das pessoas a um bode expiatório ameaçador, que desvia a atenção do fato da vulnerabilidade ser algo inerente a todos (BARROS; LAGO, 2022). Durante esse esforço, este tipo de populismo reproduz a lógica da construção de um "povo" como uma comunidade protegida de tudo que é diferente. É, diante deste enredo, que os governos populistas de extrema-direita, como o de Jair Bolsonaro, tomam forma e utilizam de sua retórica para mobilizar a fronteira antagônica e criar inimigos que devem ser combatidos a todo custo.

3. POLÍTICA EXTERNA E A PRODUÇÃO DE INIMIGOS

De maneira análoga ao contexto anterior, Campbell (1992) entende que a política externa é parte de um processo multifacetado de inscrição que enquadra o homem em uma organização espacial que distingue o doméstico do externo, o Estado do sistema internacional e o soberano do anárquico. Essa distinção é responsável por trazer a tona lógica do 'eu' e do 'outro', na qual a estratégia do 'outro' é utilizada para disciplinar o 'eu', criando também um campo antagônico na constituição da política externa, no qual os Estados buscam se diferenciar dos outros e construir sua identidade pautada nisso (CAMPBELL, 1992).

Mais precisamente, Campbell (1992) indica que a compreensão convencional sobre a política externa parte da representação histórica particular na qual a ascensão do Estado é entendida como o resultado de uma forma de organização social e identitária. Desta forma, o projeto criado para garantir os fundamentos dessa identidade é constituído pela negação da diferença e isto implica numa "evangelização do medo", que enfatiza a natureza ameaçadora do mundo externo por meio de um discurso de perigo (CAMPBELL, 1992). Mais do que isso, a identidade no âmbito da política global pode ser entendida como o resultado de práticas excludentes, nas quais elementos resistentes a uma identidade segura no interior se articulam por meio de um discurso de perigo com ameaças identificadas e localizadas no exterior (CAMPBELL, 1992).

Sendo assim, a identidade é construída também por meio desta relação entre o 'eu' e o 'outro', na qual a concepção do 'estrangeiro' é possibilitada por práticas que constituem o 'doméstico'. Em outras palavras, a política externa é um tipo específico de desempenho político produtor de fronteiras e de inscrição, que enquadra o homem na organização espacial e temporal do interior e do exterior (CAMPBELL, 1992). Contudo, Campbell (1992) argumenta que o 'doméstico' – que sofre um processo de totalização similar ao 'povo' na análise de Laclau – sempre contém traços do externo em si.

Identidade é, portanto, sempre consequência de uma relação entre o 'eu' e o 'outro', ao invés de ser o produto da descoberta de um domínio exclusivo (CAMPBELL, 1992). Além disso, o significante 'doméstico' incorpora, então, a forma da totalidade, podendo representar diversas camadas sociais, as relações de produção, as várias subjetividades que elas dão origem, os grupos que são marginalizados no processo (como as mulheres) e os limites da ação social e política legítima (CAMPBELL, 1992).

Isto posto, é possível observar que as práticas que impõem fronteiras e estabelecem significados por meio da ambiguidade costumam produzir perigos para o 'interno' em termos de ameaças emergentes de outras sociedades domésticas (CAMPBELL, 1992). Desta forma, Campbell (1992) enxerga a política externa como uma de uma série de práticas que compõem os discursos de perigo, construindo seus problemas, perigos e medos a fim de mobilizar as populações para localizar e controlar essas ameaças. Todavia, para ele, o principal ímpeto por trás da localização de ameaças no domínio externo vem do fato de que o domínio soberano é tanto um local de ambiguidade e indeterminação quanto o domínio anárquico do qual se distingue (CAMPBELL, 1992).

Portanto, tais perigos não são condições objetivas e não residem simplesmente, como representados, no reino externo (CAMPBELL, 1992). Neste caso, ameaças à identidade são igualmente prevalentes nos desafios ao enquadramento dominante do "doméstico" a partir da perspectiva interna (CAMPBELL, 1992). Para alguns, o feminismo, a homossexualidade e o apoio à apropriação social das relações de produção são ameaças a serem consideradas em pé de igualdade com um inimigo estrangeiro (CAMPBELL, 1992).

Sendo assim, a necessidade de disciplinar e conter a ambiguidade e contingência do reino 'doméstico' é uma fonte vital da externalização e totalização das ameaças a esse reino por meio de discursos de perigo (CAMPBELL, 1992). Desta maneira, a política externa fica responsável por difundir o discurso que contém a fonte dos perigos preeminentes para a sociedade, servindo também para constituir a identidade possibilitada por todas as práticas de diferenciação ou modos de exclusão (CAMPBELL, 1992).

Portanto, partindo da noção geral de política externa sugerida por Campbell, é possível compreender, então, que uma das suas mais relevantes características se dá na construção da identidade do Estado, pois é a partir dela que as nações vão se posicionar perante ao mundo e, assim, se relacionar dentro do Sistema Internacional. Para esse fim, a construção é realizada com base no antagonismo e na relação com os inimigos suscitados por ele, que por sua vez são frutos dos dois reinos intrínsecos na composição da política externa, o externo e o interno.

Mas, para que haja a construção identitária do Estado – e, portanto, a formação do antagonismo e dos inimigos produtores de ameaça – é necessário que haja um meio no qual ela se elabore, como é o caso do discurso. De acordo com o texto do autor Lucas Amaral Batista Leite, na obra *A Construção do Inimigo nos Discursos Presidenciais Norte-Americanos do Pós-Guerra Fria* (2013), a linguagem é uma fonte inegável de construção identitária, pois dela se apreende a construção de mitos, heróis e tradições que perpetuam uma narrativa de defesa da moral e da ética de uma comunidade específica (WALKER apud LEITE, 2013).

Além disso, é responsável também por perpetuar as práticas de diferenciação e exclusão nos discursos na política externa, uma vez que, geralmente, tais discursos contém em seu corpo textual a contraposição entre o interno e o externo nas formas de 'eu' e o 'outro', 'nós' e 'eles', 'desenvolvido' e 'atrasado', 'civilização' e 'barbárie' (WALKER apud LEITE, 2013). Essa dicotomia procura delinear não apenas os contornos ideológicos, mas também os contornos materiais relacionados a territórios, populações e à história de uma narrativa comum na construção da condição identitária de um Estado (LEITE, 2013).

De maneira indispensável, a linguagem utilizada nos discursos ajuda a construir imagens negativas do outro, que serão melhor absorvidas quando associadas a possíveis ameaças existenciais (LEITE, 2013). E, é nesse cenário que os significados, utilizados dentro da linguagem, cumprem o papel de estabelecer pontes entre o enunciador e o público, convencendo-o da existência de riscos, perigos e ameaças (LEITE, 2013). Em uma referência paralela aos autores Murray e Meyers (1999), Leite (2013) discorre que eles sugerem que as narrativas de construção do inimigo são até mesmo adaptadas ao contexto e à época em que se encontram, e com isso, caso uma ameaça específica que havia sido criada desapareça, não implica na garantia da paz ou do desaparecimento do discurso que a construía.

Assim, o discurso que utiliza o artifício da criação de ameaças conta significativamente com a modificação ou adaptação dos termos utilizados em narrativas anteriores a situações contemporâneas, o que aponta que ele possui um caráter de constância (GREEN apud LEITE, 2013). Mais ainda, a linguagem presente nos discursos contam com palavras que não possuem

significados por si só, funcionando de forma parecida aos significantes vazios de Laclau, além de terem um caráter fluido que ajuda a demonstrar como a realidade é percebida, ou então, como determinado objeto passou a ser construído (GREEN apud LEITE, 2013).

Desta forma, o discurso funciona também como uma ferramenta para construir a realidade e, segundo a autora Roxanne Lynn Doty (1993), os tomadores de decisão na política procuram funcionar num espaço discursivo no qual eles mesmos impõem significados ao seu mundo e, assim, criam a realidade. Desta forma, os discursos instanciados produzem significado e constroem ativamente a realidade na qual a política externa se baseia (LYNN DOTY, 1993).

Retomando ao ponto principal, a construção da identidade – assim como a do antagonismo e da realidade – que o tomador de decisão levado em consideração neste trabalho, no caso o presidente, faz por meio do discurso, acaba por torna-se um dos componentes centrais do léxico de política externa e um guia básico para entendê-la (EDWARDS apud LEITE, 2013).

Portanto, destaca-se aqui a importância da retórica presidencial como ferramenta para moldar a percepção pública em relação à existência de ameaças, utilizada a fim de garantir apoio às decisões políticas tomadas. Neste contexto, fica evidente que o discurso de política externa de um presidente pode transformar a realidade política nas relações internacionais de um Estado, uma vez que ele desempenha um papel essencial na criação de significados por meio de construções discursivas que fornecem exemplos e resgatam a história comum da nação – em alguns casos utilizando a linguagem religiosa para explicar ou expor situações – auxiliando no incite à inimigos (EDWARDS apud LEITE, 2013).

Dentro do contexto teórico abordado até agora, a pesquisa poderá observar, então, a composição do projeto político, no âmbito da política externa, de construção de identidade, definição e/ou reafirmação das fronteiras de diferença antagônica e criação de ameaças e inimigos por meio da engrenagem social do discurso político emanado da figura do ex-presidente Jair Bolsonaro durante os seus quatro anos de governo.

4. A INTERSECÇÃO DO POPULISMO E DA POLÍTICA EXTERNA

De acordo com o autor Thorsten Wojczewski (2019), foi apenas recentemente que os estudos de Relações Internacionais (RI) começaram a abordar o fenômeno do populismo de forma mais sistemática, procurando discernir seu impacto na política externa. Veerbek e Zaslove (2017) argumentam que a orientação política dos populistas molda, em última análise, as suas preferências específicas de política externa, bem como a sua atitude mais ou

menos isolacionista versus cosmopolita (PLAGEMANN; DESTRADI, 2019). Desta forma, a suposição subjacente é que os populistas no poder prosseguirão políticas que refletem o seu mandato numa série de áreas temáticas, incluindo a política externa (PLAGEMANN; DESTRADI, 2019).

Essa abordagem permite colocar os estudos sobre populismo em diálogo com o campo pós-estruturalistas das RI, que conceituam a política externa como um discurso que reproduz o 'eu' (o Estado) em contraposição a uma série de 'outros' (inimigos) estrangeiros (WOJCZEWSKI, 2019). Assim, tem-se o argumento de que a noção populista de povo também pode ser uma subjetividade que é constituída e reproduzida, de diversas maneiras, através do discurso da política externa (WOJCZEWSKI, 2019).

Ao relacionar o sistema internacional como um espaço de diferença, alteridade e perigos, é possível notar nele, não apenas a orientação externa e as relações de um Estado, mas também a reprodução da própria entidade estatal, que funciona criando e sustentando um sentimento de pertencimento e de comunhão entre os membros da sua comunidade política (WOJCZEWSKI, 2019). E, embora o discurso da política externa construa identidades estatais e nacionais ao traçar uma fronteira política entre o interior e o exterior, também pode, como defende Wojczewski, ser estabelecido como um local chave para a (re)produção da noção populista do povo.

A política externa serve, então, aos atores populistas, na oposição ou no governo, como uma plataforma para se afirmarem como “verdadeiros” representantes do povo, criando assim uma identidade popular e uma ordem social (WOJCZEWSKI, 2019). A partir deste ponto, o Wojczewski indica que existem diferentes formas pelas quais os atores populistas podem utilizar o discurso da política externa para construir o dito projeto populista.

Para ele, estas estratégias discursivas podem ser identificadas através do estudo de como as categorias centrais populistas (“o povo” e “a elite”) conseguem ser colocadas em diferentes relações antagônicas no domínio da política externa, que vão desde um puro antagonismo populista ascendente/descendente até antagonismos caracterizados por dicotomias dentro/fora e cima/baixo (WOJCZEWSKI, 2019).

A primeira estratégia envolveria destacar, em primeiro plano, um antagonismo ascendente/descendente. Isso seria realizado por meio de um discurso que representasse as pessoas como oprimidas, privadas de direitos devido a uma política externa "corrupta", impulsionada pelos interesses ou pela moral da elite, ou controlada pelos interesses especiais de atores poderosos dentro do Estado, como as corporações ou o complexo militar-industrial (WOJCZEWSKI, 2019). Tanto os discursos populistas de esquerda como de direita podem

empregar tal representação da política externa para unir “o povo” numa frente coletiva contra um sistema acusado de trair o povo “comum” e a sua vontade popular na política externa do Estado (WOJCZEWSKI, 2019).

Outrossim, Wojczewski (2019) entende que os projetos populistas de direita procuram normalmente reforçar este antagonismo povo/elite, agrupando tanto o '*establishment*' quanto 'outros' estrangeiros ao tornaná-los num só “inimigo do povo”. Isso acontece no momento em que acusam a elite do poder interno de conluio com forças estrangeiras (por exemplo, outros estados, organizações internacionais ou migrantes) e privando, assim, o povo da sua segurança ontológica e física (WOJCZEWSKI, 2019). Essa estratégia discursiva concede aos populistas de direita um poderoso "outro" antagonico, frente ao qual eles constroem e sustentam uma identidade coletiva de um povo, uma nação oprimida assolada pelo estrangeiro (WOJCZEWSKI, 2019).

Outra estratégia discursiva que combina os altos e baixos do populismo com o antagonismo interno e externo do nacionalismo é a que coloca “o povo” contra as elites do poder transnacional (WOJCZEWSKI, 2019). Enquanto os discursos populistas de esquerda colocariam em primeiro plano o antagonismo entre cima/baixo e despreveriam as elites transnacionais como um grupo pequeno (mas ilegitimamente poderoso), geralmente situado em organizações inter e supranacionais ou em corporações multinacionais que não tem legitimidade democrática direta, os discursos da direita populistas enfatizariam ainda o seu status de elite estrangeira que procura, de maneira ilegítima, interferir nos assuntos da comunidade nacional soberana (WOJCZEWSKI, 2019).

Ainda sobre esta estratégia, a representação das elites transnacionais como “inimigas do povo” não só pode ser usada pelos populistas na oposição, mas também é uma estratégia discursiva particularmente atraente para os populistas no poder, permitindo-lhes culpar o 'outro transnacional' de impedir o governo de restaurar a soberania popular (WOJCZEWSKI, 2019). De maneira geral, quando um antagonismo povo/elite é construído no domínio da política externa através de uma destas estratégias discursivas, este antagonismo está centrado na questão da soberania popular e implica que uma política externa populista é orientada para a soberania (WOJCZEWSKI, 2019).

E, embora a perseverança da soberania seja normalmente vista como um objetivo fundamental de todos os Estados, como destacam os realistas das RI em particular, os discursos populistas politizam e contestam o que é tipicamente considerado o interesse do Estado ou nacional, alegando que certos princípios apenas servem o sistema (e potencialmente

o Outro estrangeiro), mas não as “pessoas comuns”, o “homem da rua” ou a “maioria silenciosa” (WOJCZEWSKI, 2019).

Isto, por sua vez, permite que os populistas afirmem que são a voz do “povo” e que restaurarão a soberania popular (WOJCZEWSKI, 2019). Dessa forma, os populistas reivindicam a representação do povo na política externa em questões de governança global e utilizam, geralmente, uma retórica que se refere explicitamente à “vontade popular”, ligando e diretamente a sua política externa a um compromisso com “o povo” (PLAGEMANN; DESTRADE, 2019).

Em consonância com o que foi dito anteriormente, Casarões e Farias (2021) argumentam que Jair Bolsonaro, personagem foco da análise proposta neste trabalho, em termos políticos, é um exemplo inequívoco de uma direita radical populista, um subconjunto da extrema direita – termo abrangente caracterizado por vários graus de nacionalismo, xenofobia e autoritarismo. Observa-se que a direita radical populista se distingue dos movimentos de extrema direita, como os neonazis ou os grupos de supremacia branca, ao aceitar (embora por vezes com relutância) as regras da democracia liberal e estruturar-se em torno dos seguintes três pilares: nativismo, autoritarismo e populismo (CASARÕES; FARIAS, 2021).

O nativismo, neste contexto, implica uma combinação de nacionalismo e xenofobia, colocando os membros do grupo nativo – os únicos que merecem viver no Estado – contra os não-nativos, que supostamente ameaçam a própria essência da nação (CASARÕES; FARIAS, 2021). Mais do que apenas explorar e mobilizar sentimentos de exclusão, o nativismo pressupõe uma tentativa permanente de criar uma dicotomia entre quem pertence e quem não pertence à nação, através de narrativas seletivas de inclusão/exclusão, muitas vezes alavancadas por meio de discursos e políticas (CASARÕES; FARIAS, 2021).

O autoritarismo, por sua vez, refere-se à crença numa sociedade estritamente ordenada, manifestada no uso de instituições estatais e não estatais para disciplinar e punir indivíduos que ameaçam não apenas as estruturas legais, mas também os valores morais de uma determinada comunidade (CASARÕES; FARIAS, 2021). Assim, várias questões sociais como a dependência de drogas ou a dissidência sexual e de gênero acabam interpretadas como ameaças à “ordem natural” e transformadas em questões de “lei e ordem” a serem combatidas por uma abordagem punitivista (SILVA; RODRIGUES, 2021). São justamente os vários graus de punição para quem não cumpre o código coletivo de moralidade da sociedade que marcarão a diferença entre líderes autoritários, que ainda seguem as regras da democracia liberal, e governos ditatoriais de pleno direito (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Já o populismo, como abordado previamente, envolve colocar “o povo” contra “a elite” como parte de estratégias de governo ou estratégia política. De todo modo, os governos liderados por populistas gastarão muitas vezes um tempo considerável acentuando tais divisões para garantir o apoio popular, fortalecer o seu controle do poder e, ocasionalmente, enfraquecer as instituições do Estado (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Além das características básicas do populismo em geral, uma das distintivas do populismo de direita é a sua conformidade com a definição de populismo autoritário apresentada pelo autor Stuart Hall. Em sua perspectiva, o populismo autoritário incorpora elementos ressonantes do conservadorismo orgânico, como a ênfase na nação, na família, no dever, na autoridade, nos padrões e no tradicionalismo, ao mesmo tempo em que integra elementos agressivos do neoliberalismo (HALL, 1988 apud SILVA; RODRIGUES, 2021). Portanto, a cadeia de equivalência articulada pelo populismo de direita costuma pressupor o encontro de demandas do conservadorismo com as do neoliberalismo (MOUFFE, 2019 apud SILVA; RODRIGUES, 2021)

Assim como aponta Jenne (2021), o populismo e o nacionalismo, que constituem este subconjunto de política da direita radical, são ambas formas de 'soberania', uma ideologia ou doutrina 'política' que exige a aquisição ou aumento da independência política de uma comunidade territorialmente definida, como uma região de um estado (JENNE, 2021 apud CASARÕES; FARIAS, 2021). Neste sentido, servem como fontes poderosas de revisionismo da política externa, que procura reconfigurar as relações de um Estado com os seus Estados vizinhos e com o sistema internacional como um todo, implicando em ações como a retirada do Estado de organizações, regimes ou alianças internacionais, bem como a alteração de instituições internacionais (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Portanto, Bolsonaro, como um representante do populismo radical de direita, pertence a um grupo de políticos que, uma vez no poder, utilizaram a política externa como parte de seu projeto ideológico mais amplo (CASARÕES; FARIAS, 2021). Com isso, seu governo procura subverter a atual ordem internacional e regional, tendo como objetivo proteger o *demos* e o *ethnos*, que no caso brasileiro é definido principalmente como uma maioria religiosa/cristã não pluralista, de uma elite global que não é apenas progressista e secular, mas essencialmente teofóbica (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Nesse sentido, a religião funciona como um componente poderoso da política externa de Bolsonaro, pois mobiliza efetivamente uma identidade cristã, já bastante difundida na sociedade brasileira, com base no argumento de que existe apenas uma fé “certa”, e aqueles que não a seguem não serão reconhecidos como parte do “povo” (CASARÕES; FARIAS,

2021). Os populistas religiosos afirmam obedecer a visão de mundo presente nos livros ou ensinamentos sagrados – que acreditam virem diretamente de Deus – e, no seu enfrentamento aos supostos inimigos do povo, referem-se frequentemente a estes textos e palavras sagradas, assumindo uma posição de intérpretes, a fim de justificar seu papel, ações e objetivos mais amplos (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Nesse contexto, a política transcende a dicotomia povo/elite e é ressignificada como uma representação da eterna luta entre o bem/mal, o sagrado/profano, Deus/Diabo. Então, a voz do povo torna-se a voz de Deus num cenário no qual o aspecto democrático é colocado de lado em detrimento de mescla literal entre a política e o Divino (CASARÕES; FARIAS, 2021). Sendo assim, ao visualizar toda a ressignificação trazida por Bolsonaro em seu governo, não apenas no que diz respeito ao aspecto religioso, mas também ao nacionalismo e autoritarismo, é possível argumentar que, ao trazer o populismo para o domínio da política externa, o ex-presidente procurou transformar a identidade nacional do Estado, de modo a legitimar e fortalecer as suas visões de mundo de direita radical (CASARÕES; FARIAS, 2021).

5. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PEB DE BOLSONARO

A eleição para a presidência do Brasil em 2018 figurou-se como a oitava realizada desde a promulgação da Constituição Federal de 1988 e teve como principais candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL, atual União Brasil). Na ocasião, Bolsonaro tornou-se o vencedor definitivo no segundo turno, ocorrido no dia 28 de outubro daquele ano, e, juntamente com seu vice, foi empossado em 1 de janeiro de 2019 para um mandato de quatro anos, encerrado em dezembro de 2022. Antes mesmo de vencer as eleições contra o Partido dos Trabalhadores (PT), Bolsonaro já havia anunciado a nomeação de Ernesto Araújo como Ministro das Relações Exteriores, o cargo mais importante em temas de política externa abaixo do presidente do país (FERREIRA, 2023).

De acordo com Fabrício Chagas-Bastos e Marcela Franzoni (2019), a estratégia de Ernesto Araújo na condução da política externa brasileira foi reconhecida como uma tentativa sistemática de desmanchar o que havia sido construído no Brasil nas últimas duas décadas (CHAGAS-BASTOS; FRANZONI, 2019 apud FERREIRA, 2023). Tal estratégia foi apontada como a causadora de graves prejuízos à imagem e legitimidade brasileiras no exterior, marcadas pela sujeição da Política Externa Brasileira (PEB) aos Estados Unidos e pelo isolamento do país no cenário global (FERREIRA, 2023).

Durante muito tempo, o Brasil manteve a tradição duradoura de confiar na diplomacia e no direito internacional na sua política externa, estabelecida desde o início do século XX pelo Barão do Rio Branco – o “Pai Fundador” do país para a política externa e a diplomacia (CASARÕES; FARIAS, 2021). O estilo de “moderação construtiva” de Rio Branco tornou-se a norma neste campo e expressou-se na capacidade de “desdramatizar” a agenda de política externa, isto é, de reduzir conflitos, crises e dificuldades à sua base diplomática (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Até a presidência de Bolsonaro, um dos mais consistentes elementos da política externa do Brasil foi o profundo envolvimento em instituições multilaterais e mecanismos de cooperação internacional para garantir/expandir seu poder no cenário global (CASARÕES; FARIAS, 2021). A ascensão da política do Terceiro Mundo, em conjunto com a descolonização afro-asiática, deu ao Brasil espaço para se posicionar como um empreendedor normativo e a pauta do desenvolvimento tornou-se gradualmente a força motriz da participação do Brasil nas rodadas comerciais multilaterais (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Neste contexto, predominava uma visão na constituição da PEB que buscava projetar o Brasil como uma voz legítima para falar em nome dos países em desenvolvimento em ambientes multilaterais, destacando sua tradição de não-beligerância, soluções negociadas, multilateralismo, foco em posições legais e liderança em questões de desenvolvimento (CASARÕES; FARIAS, 2021). Portanto, historicamente, a política externa brasileira abraçou fortemente alguns dos principais elementos da Ordem Internacional Liberal, nomeadamente o multilateralismo, a cooperação e uma abordagem geral aos assuntos internacionais e aos direitos humanos (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Mesmo que, na visão dos autores Casarões e Farias (2021), a política externa de nenhum país seja estacionária e que a variação componha um de seus elementos naturais, ainda assim é raro ver mudanças profundas em valores e estratégias abrangentes: neste caso, envolvendo as posições de longa data do país sobre muitos elementos da Ordem Internacional Liberal, tais como a política internacional de cooperação, construção de colônias e multilateralismo. Contudo, houveram diversos pontos de mudança de orientação da política externa brasileira no período em que Jair Bolsonaro, com a coadjuvação de Ernesto Araújo, esteve no poder (FERREIRA, 2023).

Notadamente, Bolsonaro tinha em mente um novo projeto ideológico para a política externa brasileira que buscava uma ruptura com as diretrizes globais de multilateralismo e valores liberais dominantes no sistema internacional. Durante seu período como Ministro, Araújo utilizou, em vários discursos, a justificativa da imprescindibilidade de combate ao

globalismo como a principal motivação para as ações de política externa adotadas pelo governo Bolsonaro (FERREIRA, 2023). Implicitamente, essa grande mudança na política externa estava relacionada à tentativa do então presidente de criar uma nova identidade nacional, caracterizada como conservadora, anti-globalista e nacionalista (CASARÕES; FARIAS, 2021).

De acordo com Casarões e Farias (2021), embora essa síntese fosse inédita, os elementos constitutivos da identidade não eram completamente novos para os brasileiros. Os valores conservadores têm raízes nos fundamentos cristãos do Brasil, que incluem a fusão entre religião e Estado, consagrada na primeira Constituição brasileira de 1824 (CASARÕES; FARIAS, 2021). E, ainda que as raízes da extrema-direita incorporada por Bolsonaro possam remontar à história do conservadorismo brasileiro, em que muitas figuras políticas usaram retórica semelhante, esta é a primeira vez que tal ideologia encontrou expressão na política externa do país (GUIMARÃES; SILVA, 2021).

Além disso, o nacionalismo surgiu e desapareceu ao longo do século XX no Brasil, com a versão militar, proeminente durante o regime militar brasileiro, sendo particularmente valorizada por Bolsonaro e seus apoiadores como o mais alto padrão de patriotismo (CASARÕES; FARIAS, 2021). Logo, mesmo que o anti-globalismo nunca tenha feito parte do repertório diplomático do Brasil, a nova administração brasileira conseguiu fundi-lo com um sentimento anti-comunista de longa data, alimentado por uma rejeição generalizada do Partido dos Trabalhadores, tradicionalmente de esquerda (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Como apontado por Mudde (2019), num aspecto geral, a esquerda é usualmente descrita como a "elite política" pelos populistas de extrema direita, acusada de corromper o Estado com ideias pós-modernistas advindas do "marxismo cultural" (MUDDE, 2019 apud SILVA; RODRIGUES, 2021). Vale ressaltar que o termo "marxismo cultural" é frequentemente utilizado de maneira pejorativa pela direita para descrever a percepção de que a esquerda, após a queda do socialismo real, concentrou seus esforços na área cultural e, seguindo a influência dos escritos de Antonio Gramsci, buscou influenciar a cultura como um meio de consolidar sua posição como força hegemônica (STEFANONI, 2018). Nesse contexto, as críticas ao suposto movimento frequentemente se concentram no enfrentamento dos valores tradicionais, particularmente pelo feminismo e pelos movimentos LGBTQIA+ (STEFANONI, 2018)

Então, é interessante apontar que o contexto que propiciou a chegada de Jair Bolsonaro à presidência esteve diretamente ligado, conforme descrito por Wendy Hunter e Thimoty Power (2019), com a insatisfação e associação que grande parte da população

brasileira fazia da crise econômica que o Brasil enfrentou em 2013 e os esquemas de corrupção descobertos pela Lava-Jato ao Partido dos Trabalhadores, além de atribuírem também um suposto declínio moral da sociedade ao partido em questão (HUNTER; THIMOTY, 2019 apud FERREIRA, 2023). Nesta medida, o tema da corrupção torna-se uma grande força na narrativa de perseguição e desmoralização da esquerda e das elites intelectuais (SILVA; RODRIGUES, 2021).

No âmbito da política externa, Bolsonaro divulgou uma promessa de realinhar a política externa do Brasil em relação aos países que partilhavam valores ocidentais como o livre comércio, a democracia e o cristianismo (CASARÕES; FARIAS, 2021). Além disso, sinalizou que tiraria o Brasil da Organização das Nações Unidas (ONU), do Acordo do Clima de Paris, assim como apontou uma possível alteração da embaixada brasileira de Tel-Aviv para Jerusalém (FERREIRA, 2023).

Portanto, Bolsonaro indicava um horizonte de política externa contrário ao multilateralismo e às suas instituições, orientado por princípios religiosos e pelo nacionalismo (CASARÕES; FARIAS, 2021 apud FERREIRA, 2023). Para tanto, em busca da vitória na eleição, Bolsonaro utilizou da distribuição em massa de desinformações e notícias falsas nas redes sociais como forma de impulsionar e validar o seu discurso, sendo este direcionado às parcelas da população que sentiam que a sua qualidade de vida estava em risco, como é o caso das classes média e alta (FERREIRA, 2023).

Assim, a trajetória de sua campanha política foi pautada pelo medo advindo de supostas ameaças, tal como o crime e o desemprego, valendo-se da insatisfação da população com a política brasileira naquele momento (FERREIRA, 2023). Vale ressaltar que o cenário de crise política e econômica, somado ao medo e a desconfiança da população formam um ambiente propício para a ascensão do populismo, e com ele, da criação de inimigos a serem combatidos na política, tanto a nível interno quanto externo.

Sendo assim, é possível inferir que o antagonismo de Bolsonaro em relação à Ordem Liberal Internacional é um passo para a construção da nova identidade nacional que ele almejava trazer na sua condução da PEB, uma vez que sua característica de populista radical de direita o faz pertencer a um grupo de políticos que, uma vez no poder, utilizaram a política externa como parte de seu projeto ideológico mais amplo (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Não obstante, Ernesto Araújo argumentou em muitas ocasiões que o governo Bolsonaro pretendia realinhar o Brasil com qualquer outro governo conservador que compartilhasse três aspectos específicos: a crença em uma conspiração global contra o

verdadeiro 'povo', uma narrativa pró-soberania semelhante contra regimes internacionais e uma hostilidade aos inimigos comuns (GUIMARÃES e SILVA, 2021).

Outrossim, Araújo é conhecido por ter de fato implementado uma agenda conservadora agressiva dentro do próprio Ministério de Relações Exteriores, o Itamaraty. Para ele, os tradicionais diplomatas brasileiros representam a conspiração globalista que trabalha contra o povo (GUIMARÃES e SILVA, 2021). De acordo com Casarões e Farias (2021), o anti-globalismo é sem dúvida a principal característica da política externa de Bolsonaro e a forma mais visível pela qual a sua visão do mundo entra em conflito com os princípios da Ordem Internacional Liberal.

Levando em consideração que globalismo não é um termo bem fundamentado, ao passo que nenhum conceito acadêmico específico está relacionado ao uso político do termo, é visto na literatura como um sinônimo de globalização econômica ou:

Um estado do mundo envolvendo redes de interdependência a distâncias multicontinentais, ligadas através de fluxos e influências de capitais e bens, informações e ideias, e pessoas e forças, bem como substâncias ambiental e biologicamente relevantes, como chuva ácida ou patógenos (KEOHANE; NYE, 2000, p.105 apud CASARÕES; FARIAS, 2021, p.12)

De maneira geral, o globalismo pode ser interpretado como uma ideologia, uma forma de cosmopolitismo que se opõe ao tribalismo, sendo esta ideologia dominante e tendo sua subjetividade associada a diferentes formações de extensão global historicamente dominantes. Portanto, pode ser interpretado como uma ideologia de mercado que dota os atuais processos de globalização com normas, valores e significados neoliberais (CASARÕES; FARIAS, 2021).

Contudo, esta não é a maneira com que os anti-globalistas definem o termo, uma vez que o enxergam como uma grande teoria da conspiração pela qual os capitalistas financeiros agem em conjunto com partidos de esquerda, meios de comunicação, universidades e burocratas internacionais para controlar o mundo. Assim, o objetivo final é aculturar as sociedades, minando os valores tradicionais da família, da nação e de Deus através da imposição generalizada de visões de mundo progressistas e cosmopolitas (CASARÕES; FARIAS, 2021). Segundo o próprio Araújo, o globalismo é a globalização econômica que foi impulsionada pelo "marxismo cultural", e portanto, seria essencialmente um sistema anti-humano e anti-cristão (ARAÚJO, 2018 apud CASARÕES; FARIAS, 2021). Nesse sentido, o globalismo acaba se tornando até mesmo um sinônimo para comunismo.

Tendo isto em vista, o cerne da estratégia de Araújo parece ter sido a fundamentação das ações de política externa em um culturalismo que mescla nacionalismo, fundamentalismo religioso e hostilidade ao comunismo, como apontado anteriormente. Também, sua estratégia tinha como objetivo contribuir para a formação de um mundo composto por nações fortes e soberanas, em contraposição àquele caracterizado pelo multiculturalismo de fronteiras abertas (FERREIRA, 2023). Com isso, é possível alegar que a menção do conceito de soberania, aqui antes tratado, por Araújo compreende uma ligação direta e antagônica com o globalismo, caracterizando a dicotomia do "eu" vs. "outro".

Assim, a partir deste e de outros exemplos trazidos, entende-se que a Política Externa Brasileira, durante o governo de Jair Bolsonaro, além de apontar uma grande ruptura com a tradição diplomática brasileira, fez isso baseando-se em valores e crenças que indicam e reforçam uma nova identidade para a PEB, a partir da concepção de fronteira ideológica, criada pelo antagonismo e sustentada pela construção de inimigos.

6. METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com a autora Laurence Bardin (1977), antes mesmo das técnicas modernas de análise de comunicações despontarem no século XX, os textos já eram abordados de diversas formas, como por exemplo, pela hermenêutica. Contudo, foi no princípio do século XX que a Análise de Conteúdo começou a ser desenvolvida nos Estados Unidos, e tinha como rigor científico e material analisado a medida quantitativa e os textos jornalísticos, respectivamente. (BARDIN, 1977). Ao longo do tempo, multiplicaram-se os estudos quantitativos dos jornais, desencadeando um fascínio pela contagem e medida dos artigos.

De toda maneira, foram os eventos da Primeira e Segunda Guerra Mundial que deram lugar ao estudo da propaganda, fazendo com que os departamentos de ciências políticas ocupassem um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Porém, o método de análise acabou se expandindo para novos campos, como a etnologia, história, psiquiatria, linguística, entre outros, o que possibilitou novas considerações metodológicas e epistemológicas (BARDIN, 1977).

Do ponto de vista epistemológico, surgiu um embate entre duas concepções ou modelos de comunicação: o modelo instrumental e o modelo representacional. Enquanto no âmbito metodológico, houve um debate em torno das abordagens quantitativa e qualitativa. (BARDIN, 1977). Na análise quantitativa, a informação é obtida a partir da frequência com que determinadas características do conteúdo aparecem. Já na análise qualitativa, a informação é derivada da presença ou ausência de características específicas do conteúdo, ou

de um conjunto dessas características, em um fragmento de mensagem específico que está sendo considerado (BARDIN, 1977).

Face a estes confrontos, Bardin (1977) orienta que a Análise de Conteúdo – ou melhor, as análises de conteúdo – é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende com o objetivo traçado pelo analista. Portanto, não se tem um método pronto e fechado, mas sim algumas regras base, dificilmente transponíveis (BARDIN, 1977). Partindo então para as regras base e os pressupostos gerais da análise de conteúdo, a autora primeiramente deixa claro que ela foi responsável por trazer para a abordagem dos materiais analisados processos técnicos de validação de conteúdo.

Tendo isto em mente, a autora define a Análise de Conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Desta forma, todas as iniciativas que consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens, bem como da expressão desse conteúdo, com o auxílio de índices passíveis ou não de quantificação, pertencem ao domínio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Tais iniciativas são construídas a partir de um conjunto de técnicas parciais, embora complementares. Segundo Bardin (1977) a finalidade desta abordagem é realizar deduções lógicas e bem fundamentadas a respeito da origem das mensagens consideradas, incluindo o emissor e seu contexto, ou, possivelmente, os efeitos dessas mensagens.

Como dito previamente, dentro deste contexto, o analista dispõe de um conjunto de operações analíticas, as quais podem ser adaptadas conforme apropriado para a natureza do material em análise e a questão que busca resolver (BARDIN, 1977). Ele pode optar por utilizar uma ou várias dessas operações em complemento, com o objetivo de aprimorar os resultados e reforçar sua validade, buscando, desse modo, alcançar uma interpretação final bem fundamentada (BARDIN, 1977).

Em relação ao trabalho do analista em específico, Bardin (1977) compreende que ele aproveita o processamento das mensagens que manipula para deduzir conhecimentos lógicos sobre o emissor da mensagem ou sobre o ambiente em que ela foi gerada, por exemplo. Assim, o que se procura estabelecer na realização de uma análise de conteúdo,

conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas, linguísticas, psicológicas e sociológicas do enunciado (BARDIN, 1977).

Portanto, ele trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos, que fazem parte do processo (BARDIN, 1977). Conforme proposto por Bardin (1977), a Análise de Conteúdo possui três etapas necessárias para a sua execução: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, por meio da inferência e da interpretação. A primeira fase, a pré-análise, é a fase da organização propriamente dita, e tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, para que o plano de análise possa se desenvolver de maneira fluida (BARDIN, 1977).

Usualmente, essa primeira fase tem três principais objetivos: a seleção dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, e a criação de indicadores que servirão de base para a interpretação final (BARDIN, 1977). No entanto, esses três fatores não necessariamente seguem uma ordem cronológica estrita, embora estejam intimamente interligados uns com os outros. Com isso, embora a pré-análise tenha como objetivo a organização, ela é composta por atividades não estruturadas, que incluem a leitura flutuante¹, a seleção dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos, bem como a referenciação dos índices, a elaboração dos indicadores e a preparação do material (BARDIN, 1977).

Já a segunda fase, a exploração do material, consiste na administração sistemática das decisões tomadas, sendo a mais longa de todas. A sua condução consiste essencialmente em operações de codificação, desconto ou regras de enumeração previamente formuladas (BARDIN, 1977). Tratando-se mais especificamente da codificação, ela corresponde a uma transformação dos dados brutos do(s) texto(s) analisado(s) que, por recorte de agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer ao analista as características dos textos que podem servir de índice (BARDIN, 1977).

Portanto, a codificação envolve três etapas de escolha: o recorte, que diz respeito à seleção das unidades de registro e de contexto; a enumeração, que envolve a escolha das regras de contagem; e a classificação e agregação, que englobam a seleção das categorias (BARDIN, 1977). Sobre as unidades de registro, estas ajudam a recortar quais elementos do

¹ De acordo com Bardin (1977), a técnica da leitura flutuante implica em estabelecer um contato inicial com os documentos a serem analisados e absorver o conteúdo, permitindo que impressões e orientações fluam livremente. Gradualmente, a leitura se aprimora à medida que hipóteses começam a emergir, teorias pertinentes são projetadas no material e a aplicação de técnicas utilizadas em materiais semelhantes se torna uma possibilidade.

texto serão levados em conta, correspondendo de maneira pertinente às características do material face aos objetivos da análise (BARDIN, 1977).

Bardin (1977) esclarece que a unidade de registro é a unidade de significação que codifica e corresponde ao segmento de conteúdo considerado como unidade básica, visando a categorização e contagem frequencial. Esta unidade pode ser de natureza e dimensões variáveis, e as mais utilizadas são palavras, temas, objetos ou referentes, personagens, acontecimentos e/ou documentos. A unidade de contexto, por sua vez, desempenha o papel de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro, correspondendo ao segmento da mensagem que possui as dimensões ideais para que se compreenda a unidade de registro (BARDIN, 1977). Como exemplo, Bardin explicita que pode ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

Sobre as regras de enumeração, estas se referem ao modo de contagem de uma lista de referência dos elementos ou unidades de registro. Portanto, ao criar uma lista de referência com base em um conjunto de textos ou de acordo com uma norma, é possível utilizar diversos tipos de enumerações, tais como: presença (ou ausência) para verificar se os elementos selecionados estão presentes por meio de um indicador; frequência para medir a importância de uma unidade de registro com base na quantidade de ocorrências; frequência ponderada para atribuir maior importância a determinado elemento de acordo com um sistema de ponderação; intensidade para avaliar os valores ideológicos, tendências e atitudes expressos no texto; direção para avaliar qualitativamente os elementos pelo viés pares de opostos, como bonito/feio ou pequeno/grande; ordem para dimensionar a ordem de aparição das unidades de registro; e co-ocorrência para identificar a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro dentro de uma unidade de contexto (BARDIN, 1977).

No que diz respeito à classificação, o analista pode recorrer à categorização, que é uma operação de classificação dos elementos constituintes de um conjunto. Isso é feito através da diferenciação inicial e, em seguida, pelo agrupamento segundo critérios previamente definidos, com base no gênero ou categoria apropriada (BARDIN, 1977). As categorias são, portanto, rubricas ou classes que agrupam um conjunto de elementos ou unidades de registro sob um título genérico. Esse agrupamento é realizado com base nas características comuns desses elementos. O critério de categorização pode ser semântico, sintático, léxico ou expressivo, e cabe ao analista escolhê-lo de acordo com o propósito de sua análise (BARDIN, 1977).

Conforme Bardin (1977), uma vez que a análise de conteúdo opta por codificar seu material, torna-se essencial criar um sistema de categorias. Isso ocorre porque a categorização

tem como principal objetivo fornecer, por meio de condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. Além disso, um conjunto de categorias eficaz deve apresentar as seguintes qualidades: exclusão mútua dos elementos, garantindo que um elemento não esteja presente em mais de uma divisão; homogeneidade; pertinência; objetividade e fidelidade; e produtividade (BARDIN, 1977).

Partindo para a fase final da Análise de Conteúdo, o tratamento dos resultados, a inferência surge como uma maneira de interpretação controlada, a partir da observação dos chamados pólos de análise. Conforme Bardin (1977), a análise de conteúdo baseia-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação, que incluem a própria mensagem com suas significações e códigos, bem como o suporte e o canal de transmissão.

Além disso, a análise também considera as figuras do emissor e do receptor da mensagem. Desta maneira, o emissor, ou produtor da mensagem, pode ser um indivíduo ou grupo de indivíduos que trabalham na função expressiva ou representativa da comunicação. Com efeito, avança a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor (BARDIN, 1977). O receptor, por sua vez, pode ser um indivíduo, ou um grupo ou uma massa de indivíduos para os quais a mensagem se dirige, com a finalidade de agir ou adaptar-se a eles. Consequentemente, o estudo da mensagem é capaz de fornecer informações relativas ao receptor ou ao público (BARDIN, 1977). Sendo assim, a inferência é a indução da interpretação, a partir dos fatos, pensada de acordo com tais elementos constitutivos.

Com todas as etapas propostas por Bardin em mente, este estudo atual se esforçará para desenvolver uma análise de conteúdo dos discursos oficiais proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em fóruns multilaterais que ocorreram durante seu mandato. Através da aplicação da técnica sugerida, tem-se a expectativa de obter uma interpretação tanto quantitativa quanto qualitativa do conteúdo contido em seus discursos, com o propósito de alcançar um resultado que contribua para a verificação das hipóteses e dos objetivos previamente delineados.

7. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para a execução do trabalho, foram considerados sete grandes temas de destaque para a análise, escolhidos a partir de revisão bibliográfica da literatura relevante acerca dos principais tópicos mobilizados pelo governo de Jair Bolsonaro na criação de fronteiras antagônicas e dos inimigos. Desta maneira, após a seleção dos documentos a serem considerados na análise e da leitura flutuante dos mesmos, a elaboração dos indicadores

contou com a transformação de cada grande tema em uma categoria, sendo elas: Religião, Nacionalismo, Globalismo, Corrupção, Conservadorismo, Comunismo e Ideologia.

Nota-se que a escolha das categorias derivou-se dos argumentos apresentados durante a abordagem teórica. Os autores Casarões e Farias (2021) alegam que o governo Bolsonaro, representante do populismo radical de direita, utiliza a religião como um componente poderoso de seu projeto político, mobilizando efetivamente uma identidade cristã já difundida na sociedade brasileira. Sendo assim, a religião foi escolhida como uma categoria para compreender o processo de construção de identidade do Estado e de inimigos no âmbito da política externa. Ainda sob perspectiva dos mesmos autores, o nacionalismo também é visto como um pilar essencial para o governo Bolsonaro, uma vez que este se encaixa no espectro da direita radical populista. Essa categoria é importante para a análise devido aos graus de nacionalismo, xenofobia e autoritarismo presentes na extrema direita mundial, representada por Bolsonaro no Brasil.

Em relação ao globalismo, Ferreira (2023) afirmou que Ernesto Araújo, durante seu mandato como Ministro das Relações Exteriores, justificou as ações de política externa do governo Bolsonaro com base na necessidade de combater o globalismo. Tal fato estava ligado à tentativa de criar uma nova identidade nacional conservadora, anti-globalista e nacionalista e, por esta razão, o globalismo tornou-se uma opção de categoria relevante para a análise. Sobre a corrupção, Barros e Lago (2022) indicaram que esta temática desempenhou um papel fundamental na crise política que levou ao surgimento de Jair Bolsonaro como figura política proeminente. Além disso, Silva e Rodrigues (2021) esclareceram que ela desempenha um papel importante na narrativa de perseguição e desmoralização da esquerda e das elites intelectuais. Desta forma, fez-se intuitivo colocar esta temática como uma categoria.

Em relação ao conservadorismo, a temática foi escolhida como categoria pois, conforme Stuart Hall, o populismo autoritário – espectro no qual o governo Bolsonaro se encaixa – incorpora elementos ressonantes do conservadorismo orgânico, como a ênfase na nação, na família, no dever, na autoridade, nos padrões e no tradicionalismo. Já em relação ao comunismo, a temática foi selecionada para fazer parte das categorias pois entende-se que o país possui um sentimento anti-comunista de longa data, alimentado por uma rejeição generalizada do Partido dos Trabalhadores, tradicionalmente de esquerda.

Ainda, como apontado por Mudde (2019), num aspecto geral, a esquerda é usualmente descrita como a "elite política" pelos populistas de extrema direita, acusada de corromper o Estado com ideias pós-modernistas advindas do "marxismo cultural". Assim, o comunismo foi eleito como uma categoria, para que fosse possível evidenciar este aspecto na PEB de Jair

Bolsonaro. Por fim, a categoria de "ideologia" foi selecionada devido à constatação, após a leitura dos documentos, de que o termo estava sendo empregado de forma imprecisa, com o propósito de evocar ameaças, uma observação que se alinha com o conceito de "significante vazio" discutido anteriormente neste trabalho, de acordo com a teoria de Laclau.

No total, foram analisados 40 discursos – compostos, ao todo, por 36.715 palavras – obtidos da Biblioteca da Presidência da República, que contém os pronunciamentos feitos por Bolsonaro ao longo de seus quatro anos de mandato. No entanto, apenas 17 desses discursos foram incluídos nas estatísticas, uma vez que os demais não continham uso de termos ou expressões que se relacionam semanticamente com as categorias especificadas. Com o auxílio software Atlas.ti, utilizado na organização da análise, a cada discurso foi atribuído um número para fins de identificação, seguindo apenas a ordem em que foram inseridos no programa. Portanto, a seguir está a lista dos documentos empregados, juntamente com seus números correspondentes e a quantidade de palavras presentes em cada texto:

1. Discurso de abertura da Reunião Plenária da LV Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados (2019) - 790
2. Discurso na 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (2019) - 3.373
3. Discurso de abertura da Sessão Plenária da XI Cúpula de Líderes do BRICS (2019) - 1.228
4. Discurso na Cúpula do G20 (*s.d*) - 665
7. Discurso na 77ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (2022) - 2.588
9. Discurso na 75ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (2020) - 1.788
10. Discurso na 76ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (2021) - 1.293
11. Discurso na abertura da LVIII Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (2021) - 865
14. Discurso na Cúpula da Biodiversidade da Organização das Nações Unidas (2020) - 812
15. Discurso na Cúpula da Democracia (2021) - 340
16. Discurso na Cúpula do G20 (2020) - 960
18. Discurso na LIX Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (2021) - 965
20. Discurso na Plenária da IX Cúpula das Américas (2022) - 1.117
26. Discurso no Fórum Econômico Brasil-Países Árabes (2021) - 1.019
27. Discurso Fórum Econômico Mundial (2019) - 817

29. Discurso Sessão Plenária dos Chefes de Estado do MERCOSUL (2019) - 1.627
30. Discurso Sessão sobre o Brasil no Future Investment Initiative (2019) - 2.018

Após a conclusão da etapa de elaboração dos indicadores, o material selecionado foi submetido ao processo de codificação. Valendo-se da utilização do software Atlas.ti, o conteúdo dos documentos foi codificado de forma que cada termo relacionado às categorias predefinidas fosse identificado como unidades de registro, dentro de unidades de contexto. Isso foi feito com o propósito de utilizar a regra de enumeração de frequência posteriormente, a qual avalia a importância de uma unidade de registro com base na quantidade de ocorrências.

Com essa finalidade, os termos codificados foram alocados em subtemas específicos dentro de cada categoria, o que possibilitou uma análise mais eficaz e uma visualização clara da frequência das unidades de registro. Em seguida, foram contabilizadas as ocorrências dos termos relacionados aos tópicos em análise, organizadas com base em suas menções e no contexto em que surgiram. As menções podem incluir tanto o próprio termo ou sinônimos usados de maneira similar, bem como expressões que se relacionam ao tema, mesmo que não sejam, necessariamente, sinônimos.

Para uma representação concreta do processo de codificação do conteúdo, pensando na melhor forma de se estabelecer uma abordagem analítica, foram criadas 19 tabelas, organizadas por subtemas, que apresentam o registro do número de vezes em que o presidente fez menções à temática das categorias, incluindo o termo específico mencionado em cada caso e seu contexto. Além disso, a análise de cada categoria pode ser enriquecida com um diagrama código-documento, obtido a partir do Atlas.ti, que ilustra a distribuição das codificações dentro dos subtemas, assim como a frequência de sua ocorrência em cada documento analisado. Por fim, houve o tratamento de resultados, que serão apresentados nos próximos momentos.

7.1. Religião

Dentro da categoria "Religião", foram estabelecidos 2 subtemas que contam com menções de termos ligados, direta e indiretamente, ao tema da categoria, sendo eles: Deus e Religião (como subtema). Então, a partir desta divisão, os termos foram codificados e colocados em tabelas de frequência, que visam apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Essa análise, observada por

um viés quantitativo e qualitativo, pode ser valiosa para identificar os padrões retóricos e as ênfases dadas por Bolsonaro a diversas questões em seu discurso.

Nesse sentido, a Tabela 1 faz referência ao subtema "Deus", englobando os seguintes termos:

Tabela 1 – Frequência de menções ao subtema “Deus”		
Menção	Termo	Contexto
1	Deus	“Primeiro obrigado a Deus pela minha vida.”
2	Deus	“A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu.”
3	Deus	“Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus.”
4	Deus	“Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida.”
5	Deus	“Foi a maior demonstração cívica da história do nosso país, um povo que acredita em Deus, Pátria, família e liberdade.”
6	Deus	“Agradeço a todos pela graça e glória de Deus! Meu muito obrigado.”
7	Deus	“Deus abençoe a todos!”
8	Deus	“O Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição e seus militares, valoriza a família e deve lealdade a seu povo.”
9	Deus	“Deus abençoe a todos.”
10	Deus	“Com a graça de Deus, as mudanças e reformas que empreendemos no Brasil oferecem base firme para retomada econômica, juntamente com as medidas emergenciais e garantia do ganha-pão das parcelas mais vulneráveis de nossa população.”
11	Deus	“Declaro encerrada a reunião e que Deus abençoe os nossos países.”

12	Deus	“Pedimos a Deus que sejam encontrados com vida.”
13	Deus	“A todos, muito obrigado e que Deus abençoe os nossos países.”
14	Deus	“Tendo como lema “Deus acima de tudo”, acredito que nossas relações trarão infindáveis progressos para todos.”
15	Deus	“A gente pede a Deus que nos dê forças, inteligência e que o destino da Venezuela seja aquele, o nosso hoje dia: democracia, liberdade e prosperidade.”
16	Deus	“Então, a gente sempre pede a Deus, mas apela para as pessoas de bem, de todos os países. Em especial na Argentina, porque estou aqui hoje.”
17	Deus	“Para isso, obviamente, cada vez mais nos desligamos do nosso passado e com confiança em Deus e fé em todos esses desafios serão vencidos.”
18	Deus	“Meu muito obrigado a todos e que Deus abençoe a América do Sul.”
Total de menções		18

Fonte: Elaboração própria

Com base na tabela, podemos observar que o subtema recebeu um número significativo de menções ao longo dos discursos, totalizando 18 no total. Dentro dessas menções, o termo "Deus" foi empregado de maneiras e em contextos variados, às vezes como pedido de bênçãos, outras vezes como expressão de agradecimento e até mesmo como slogan político, entre outros usos. É relevante observar que nas menções 1, 3 e 4, o presidente expressa gratidão a Deus por sua vida, devido à sua recuperação após um atentado que sofreu. Nesses momentos, ao classificar o agressor como "militante de esquerda" e, simultaneamente, atribuir sua salvação a Deus, ele se posiciona como alguém protegido e como um representante do divino em uma luta travada contra o inimigo, que, neste caso, é associado à esquerda.

Além disso, ao estabelecer uma conexão entre as menções 2 e 8, observa-se que o presidente sugere que a ideologia, um termo que ele utiliza sem atribuir um significado concreto, é a responsável por corromper a alma humana ao afastá-la de Deus. Dessa forma, ao se apresentar como um presidente que acredita em Deus, ele insinua implicitamente que irá

promover os ensinamentos e valores divinos. Nesse contexto, ele designa a ideologia como o inimigo e a si mesmo como representante do povo e de Deus.

Já nas menções 5 e 14 é possível observar como o presidente coloca a figura de Deus como pilar da sociedade brasileira e do seu governo, sendo utilizado até mesmo como slogan político na última, associando-se cada vez mais com o altíssimo. Na menção 15, Bolsonaro pede a Deus que livre a Venezuela de seus males, pedindo para o país democracia, liberdade e prosperidade. Ao fazer isto, ele atribui as deficiências da Venezuela à falta desses três aspectos, e deixa implícito que o tipo de governo do país, notadamente socialista, é o responsável por pelas mazelas venezuelanas. Ao mesmo tempo, ele compara seu governo ao do país vizinho dizendo que é diferente, pois conta com democracia, liberdade e prosperidade. Nisto, observa-se como ele cria uma fronteira antagônica, assim como elucidado pelo teórico David Campbell, colocando o governo venezuelano de um lado, e seu governo de direita de outro, e utiliza a crença em Deus como uma justificativa para reforçar o seu próprio lado e sua identidade cristã.

Em seguida, Tabela 2 faz referência ao subtema "Religião", englobando os seguintes termos:

Tabela 2 – Frequência de menções ao subtema “Religião”		
Menção	Termo	Contexto
1	Religiosos	“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.”
2	Religiosa	“O Brasil reafirma seu compromisso, intransigente com os mais altos padrões de direitos humanos, com a defesa da democracia e da liberdade, de expressão, religiosa e de imprensa.”
3	Perseguição Religiosa	“A perseguição religiosa é um flagelo que devemos combater de forma incansável. Nos últimos anos, testemunhamos, em diferentes regiões, ataques covardes que vitimaram fiéis congregados em igrejas, sinagogas e mesquitas. “O Brasil condena, energicamente, todos esses atos e está pronto a colaborar, com outros países, para a proteção daqueles que se vêem oprimidos por causa de sua fé.”
4	Minorias Religiosas	“Preocupam o povo brasileiro, em particular, a crescente perseguição, a discriminação e a violência contra missionários e minorias religiosas, em diferentes regiões do mundo.”

5	Religião	“Por isso, apoiamos a criação do 'Dia Internacional em Memória das Vítimas de Atos de Violência baseados em Religião ou Crença.”
6	Perseguição Religiosa	“Nessa data, recordaremos anualmente aqueles que sofrem as consequências nefastas da perseguição religiosa. ”
7	Cristãos	“É inadmissível que, em pleno século XXI, com tantos instrumentos, tratados e organismos com a finalidade de resguardar direitos de todo tipo e de toda sorte, ainda haja milhões de cristãos e pessoas de outras religiões que perdem sua vida ou sua liberdade em razão de sua fé.”
8	Religiões	“É inadmissível que, em pleno século XXI, com tantos instrumentos, tratados e organismos com a finalidade de resguardar direitos de todo tipo e de toda sorte, ainda haja milhões de cristãos e pessoas de outras religiões que perdem sua vida ou sua liberdade em razão de sua fé.”
9	João 8:32	“Nas questões do clima, da democracia, dos direitos humanos, da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, e em tantas outras, tudo o que precisamos é isto: contemplar a verdade, seguindo João 8:32: - “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.”
10	Liberdade de Religião	“Tenho sido um defensor incondicional da liberdade de expressão. Além disso, no meu governo, o Brasil tem trabalhado para trazer o direito à liberdade de religião para o centro da agenda internacional de direitos humanos.”
11	Orientação Religiosa	“É essencial garantir que todos tenham o direito de professar e praticar livremente sua orientação religiosa, sem discriminação.”
12	Católicos	“Quero aqui anunciar que o Brasil abre suas portas para acolher os padres e freiras católicos que têm sofrido perseguição do regime ditatorial da Nicarágua.”
13	Perseguição Religiosa	“O Brasil repudia a perseguição religiosa em qualquer lugar do mundo.”
14	Liberdade Religiosa	“Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia.”
15	Cristofobia	“Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia.”
16	País Cristão	“O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base.”
17	Liberdade de Culto	“E a liberdade do ser humano só se completa com a liberdade de culto e expressão.”

18	Cristãos	“Concederemos visto humanitário para cristãos, mulheres, crianças e juízes afegãos.”
19	Religião	“Reafirmo nossa determinação de proteger e respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais de todos os brasileiros, independentemente da origem, raça, sexo, cor, idade, religião, sem qualquer forma de discriminação.”
20	Culto Religioso	“Estamos atentos aos problemas econômicos que afetam o mundo, como a inflação e o desemprego e, principalmente, ao bem mais precioso para o ser humano: a sua liberdade, aí incluídos a liberdade de expressão, de trabalho e de culto religioso.”
21	Religião Islâmica	“Hoje, a produção brasileira halal, que respeita tradições e regras da religião islâmica, é sinônimo de qualidade e confiança. Por isso, os países árabes podem contar com o Brasil como parceiro estratégico na garantia de sua segurança alimentar.”
22	Evangélicos	“Setores da sociedade fecharam comigo, como os evangélicos, o pessoal do campo, do agronegócio, as pessoas que valorizam a família. Eles só pedem de mim uma coisa, que não faça os que me antecederam fizeram. E nós estamos honrando este compromisso.”
Total de menções		22

Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista as menções presentes no subtema "Religião", é possível observar a utilização de alguns termos bastante recorrentes, como é o caso da Perseguição Religiosa. O termo em si é utilizado 3 vezes, nas menções 3, 6 e 13, mas aparece de maneira indireta em várias outras. O então presidente, por diversas vezes, insinua que existe uma perseguição e um ataque em curso contra minorias religiosas – nota-se que apenas as religiões cristãs são mencionadas como vítimas, sugerindo até a existência de uma "crisofobia" – e, por isso, ele afirma que é necessário instituir, como garantia, a liberdade religiosa no Brasil e no mundo. De maneira semelhante, o termo "Liberdade Religiosa," com 3 menções diretas, e suas variações também desfrutam de uma presença significativa nas menções, indicando que se trata de um tópico amplamente apoiado e valorizado por Bolsonaro em seu discurso.

Dentro da totalidade das menções, destaca-se a menção 1, na qual o ex-presidente afirma que o Brasil esteve próximo do socialismo, e por isso, os valores religiosos que formam as tradições brasileiras estiveram sob ataque. Nesta passagem, é interessante observar como ele coloca o socialismo como o inimigo responsável por abalar as estruturas em que o país é fundamentado – como ele mesmo reforça na menção 16, ao dizer que o Brasil é um país cristão. Fazendo isso, ele busca dialogar com uma enorme parcela da população brasileira, que em sua maioria é composta por católicos e evangélicos, assim como atribuir uma ameaça

direta à esta camada populacional. Também, como forma de evidenciar o seu apreço pelos ideais do cristianismo, Bolsonaro usa, na menção 8, uma passagem bíblica para comentar questões tratadas no âmbito da Organização das Nações Unidas, alocando a sua visão sobre política internacional dentro de um viés religioso.

Ainda, nas menções 12 e 18, o presidente brasileiro verbaliza sua solidariedade com possíveis refugiados que estariam sendo perseguidos por regimes ditatoriais, no caso da menção 12, pelo regime socialista da Nicarágua. No entanto, destaca-se que em ambas passagens ele faz questão de reforçar que estes são cristãos e, por isso, serão acolhidos pelo governo brasileiro. Nesse sentido, há uma clara condicionalidade imposta por Bolsonaro sobre quem o Estado brasileiro protege em questão de perseguição religiosa, excluindo outras religiões que são oprimidas no Brasil e no mundo.

Por fim, faz-se relevante evidenciar a menção 22, na qual o presidente sumariamente afirma que possui o apoio de vários setores da sociedade, em especial o evangélico, demonstrando que há uma preocupação em trazer este domínio para sua base de apoio governamental.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções entre cada subtema da categoria "Religião" pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74° S...	7 Discurso do Pr...	9 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	11 Discurso do P...	15 Discurso do P...	18 Discurso do P...	20 Discurso do...	26 Discurso do...	27 Discurso Fór...	29 Discurso Ses...	30 Discurso Ses...	Totais
	75	21	13	13	3	10	3	8	1	11	11	8	
Religião: Deus	5	1	1	2	1		1	2		1	4		18
Religião: Religião	9	4	3	2		1		1	1			1	22
Totais	14	5	4	4	1	1	1	3	1	1	4	1	40

Fonte: Atlas.ti

O subtema "Religião" ocupa a liderança em termos de número de menções, com um total de 22, em comparação com o subtema "Deus," que possui 18 menções. Portanto, de acordo com os princípios estabelecidos por Bardin, argumenta-se que a temática da religião desempenha um papel de destaque no discurso e na retórica de Bolsonaro, sendo amplamente empregada para evocar ameaças e classificar inimigos.

Apesar de ser menos mencionado, o subtema "Deus" recebe um número significativo de menções, destacando-se como um elemento frequente nas declarações de Bolsonaro. Isso evidencia a intenção do ex-presidente de demonstrar respeito e proximidade com o divino, com o propósito de se conectar com a parcela religiosa da população. Além disso, conforme ilustrado no diagrama, é possível notar que o discurso identificado como nº2 apresentou o

maior número de menções em seu conteúdo, totalizando 14 menções, o que sugere que Bolsonaro conferiu uma importância particular a essa fala específica.

7.2. Nacionalismo

Dentro da categoria "Nacionalismo", foram estabelecidos 3 subtemas que contavam com menções de termos ligados, direta e indiretamente, ao tema da categoria, sendo eles: Estrangeiros, Patriotismo, Simbologia Nacional e Soberania. Assim como feito na categoria anterior, a partir desta divisão, os termos foram codificados e colocados em tabelas de frequência, que visam apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 3 faz referência ao subtema "Estrangeiros", tal como:

Tabela 3 – Frequência de menções ao subtema “Estrangeiros”		
Menção	Termo	Contexto
1	Governos Estrangeiros	“A visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes alguns desses líderes, como o Cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia.”
2	Interesses Estrangeiros	“Bem como trazer à tona o atual quadro de mentiras propagado pela mídia nacional e internacional, que insistem em fazer dos povos indígenas do Brasil uma reserva de mercado sem fim, atendendo interesses estrangeiros de países que ainda enxergam no Brasil uma colônia sem regras e sem soberania.”
3	Interesses políticos e econômicos externos	“Também rechaçamos as tentativas de instrumentalizar a questão ambiental ou a política indigenista, em prol de interesses políticos e econômicos externos, em especial os disfarçados de boas intenções.”
4	Cobiça Internacional	“Rechaço, de forma veemente, a cobiça internacional sobre a nossa Amazônia. E vamos defendê-la de ações e narrativas que agridam os interesses nacionais.”
5	Instituições Internacionais	“A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil.”
Total de menções		5

Fonte: Elaboração própria

Apesar de contar com poucas menções, o subtema "Estrangeiros" traz aspectos importantes de serem analisados quando se trata da maneira em que a Política Externa

Brasileira é conduzida e utilizada por Jair Bolsonaro. Na menção 1, ao tratar sobre a Amazônia, temática sempre presente nos debates envolvendo o Brasil em fóruns multilaterais, Bolsonaro fala sobre o papel da comunidade indígena em relação ao bioma. Neste caso, ele diz que uma notória liderança indígena, Cacique Raoni, é manipulada como peça de manobra por governos estrangeiros para que eles possam assegurar seus interesses em relação à Amazônia. Como explicitado em momentos anteriores, ao levar em conta que a política externa é um processo multifacetado de produção de ameaças, os governos estrangeiros são vistos e taxados como uma delas. Então, neste caso, mesmo sem comprovação, Bolsonaro liga a imagem dos indígenas ao perigo externo, acusando-os de colaborar com ele.

Também, na menção 2, ele atribui essa responsabilidade à mídia nacional e internacional, acusando-as de serem cúmplices dos interesses estrangeiros, que supostamente desejariam transformar o Brasil em uma colônia sem soberania. Portanto, nessas duas ocasiões, ele traz um discurso de perigo, e identifica as ameaças, – tanto os governos e a mídia estrangeiros no âmbito externo, como os indígenas e a mídia nacional no interno – criando assim os inimigos da pátria soberana.

De maneira similar à menção 1, na menção 3 ele afirma que os interesses políticos e econômicos externos são responsáveis por aliciar a política indigenista, representante do perigo iminente no âmbito interno, uma vez que estaria trabalhando em favor do inimigo externo. Por fim, Bolsonaro rejeita a suposta cobiça internacional pela Amazônia e se apresenta como o defensor dos interesses nacionais, mais uma vez assumindo uma postura oposta à ameaça que ele mesmo identificou.

Em seguida, Tabela 4 faz referência ao subtema "Patriotismo", englobando os seguintes termos:

Tabela 4 – Frequência de menções ao subtema "Patriotismo"		
Menção	Termo	Contexto
1	Sentimento Patriótico	“Contudo, os ataques sensacionalistas que sofremos por grande parte da mídia internacional devido aos focos de incêndio na Amazônia, despertaram nosso sentimento patriótico.”
2	Patriotismo	“Há pouco, presidentes socialistas que me antecederam, desviaram centenas de bilhões de dólares comprando parte da mídia e parte do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto. Foram julgados e punidos graças ao patriotismo, perseverança e coragem de um juiz que é símbolo no meu país, o Dr. Sérgio Moro, nosso atual Ministro da Justiça e Segurança Pública.”

3	Pátria	“Foi a maior demonstração cívica da história do nosso país, um povo que acredita em Deus, Pátria, família e liberdade .”
4	Impatrióticas	“A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil.”
5	Patriótica	“No último 7 de setembro, data de nossa Independência, milhões de brasileiros, de forma pacífica e patriótica, foram às ruas, na maior manifestação de nossa história, mostrar que não abrem mão da democracia, das liberdades individuais e de apoio ao nosso governo.”
Total de menções		5

Fonte: Elaboração própria

No contexto das menções contidas no subtema "Patriotismo," Bolsonaro utiliza o tema, principalmente por meio do termo "pátria" e suas variações, para se retratar como o defensor da Nação e de seus interesses. Associado a isso, ele rotula outros atores que discordam dele em várias questões como "impatrióticos", destacando seu governo e apoiadores como defensores dos valores nacionais, ao passo que seus opositores são considerados o oposto dessa ideia e, assim, representariam uma clara ameaça à nação.

Na menção 1, falando mais uma vez da Amazônia, ele aponta que os ataques sofridos por seu governo por parte da mídia internacional – aqui identificada como ameaça – em relação aos incêndios ocorridos na floresta, despertaram seu sentimento patriótico. Nota-se como ele utiliza o pronome possessivo "nosso" ao se referir ao sentimento patriótico, a fim de transformar esse fato num evento de todos, para que as pessoas se sintam igualmente atacadas. Assim, ele intitula o povo como patriota e se qualifica como um também, aproximando-se da camada da população para a qual ele se dirige no discurso.

A menção 2 é um importante exemplo de como Bolsonaro classifica o que é o patriotismo, e como ele usa isso a seu favor na criação de uma fronteira antagônica, neste caso entre o povo patriota e os desertores não patriotas. Para isso, ele afirma que os presidentes socialistas que o antecederam – uma referência clara aos ex-presidentes eleitos pelo Partido dos Trabalhadores – foram responsáveis por desempenhar atos corruptos a fim de consolidar um projeto de poder absoluto.

É possível interpretar tal projeto de poder absoluto como uma possível ditadura, e de acordo com ele, isto teria sido evitado graças ao patriotismo de Sérgio Moro, juiz que na ocasião do discurso era Ministro da Justiça e Segurança Pública do governo Bolsonaro. Assim, Bolsonaro alça Moro como o que ele mesmo chama de símbolo nacional, e, sendo

parte de seu governo, ele estaria valorizando este símbolo. Em resumo, fica dito nas entrelinhas que o patriotismo foi responsável por julgar e punir os ex-presidentes socialistas, colocados aqui como personagens que não seriam patriotas, e portanto, inimigos da pátria.

Além disso, nas menções 3 e 5, Bolsonaro exalta uma demonstração cívica levada adiante pelos apoiadores do seu governo e afirma que ela foi uma prova do povo que acredita na Pátria. Mais uma vez, o governo e o povo andariam lado a lado. Outrossim, ao afirmar que essa foi a maior demonstração de patriotismo, realizada especificamente para apoiar o governo, sugere-se implicitamente que aqueles que não apoiam o governo não são patriotas e, portanto, seriam antagonistas.

Já a Tabela 5 faz referência ao subtema "Simbologia Nacional", englobando os seguintes termos:

Tabela 5 – Frequência de menções ao subtema “Simbologia Nacional”		
Menção	Termo	Contexto
1	Hino Nacional	“O hino nacional de meu país diz que o Brasil é gigante pela própria natureza. Estejam certos de que nada mudará isso. Vamos continuar protegendo nossa Amazônia, nosso Pantanal e todos os nossos biomas.”
2	Orgulho	“Por isso, também nesse aspecto, mais uma vez tenho orgulho de dizer que o Brasil possui a matriz energética mais limpa entre os países integrantes do G20.”
3	Orgulho Nacional	“O nosso agronegócio é orgulho nacional.”
4	Cores da nossa bandeira	“Neste 7 de setembro, o Brasil completou 200 anos de história como nação independente. Milhões de brasileiros foram às ruas, convocados pelo seu presidente, trajando as cores da nossa bandeira.”
5	Demonstração Cívica	“Foi a maior demonstração cívica da história do nosso país, um povo que acredita em Deus, Pátria, família e liberdade.”
6	Orgulho	“No Brasil, temos orgulho de pertencer ao grupo de países megadiversos e de possuir a maior extensão de vegetação nativa do planeta, o que corresponde a 60% de nosso território nacional. ”
7	Verde e Amarelo	“Como homem e como Presidente, enxergo todos com as mesmas cores: verde e amarelo! Não existe uma cor de pele melhor do que as outras. O que existem são homens bons e homens maus; e são as nossas escolhas e valores que determinarão qual dos dois nós seremos. ”

8	Orgulho	“Sou capitão do Exército Brasileiro, com muito orgulho. O que forjei no Exército, coloco em prática comandando o Brasil.”
9	Símbolo no país	“Foram julgados e punidos graças ao patriotismo, perseverança e coragem de um juiz que é símbolo no meu país, o Dr. Sérgio Moro, nosso atual Ministro da Justiça e Segurança Pública.”
Total de menções		9

Fonte: Elaboração própria

Nas menções contidas no subtema acima, fica evidente como Jair Bolsonaro traz para o seu discurso elementos que contém uma carga simbólica de representatividade do Brasil, como as cores da bandeira, o hino nacional, entre outros. Em diversos momentos ele utiliza o termo 'orgulho' para expressar um sentimento de valorização a aspectos que o país possui, assim como na fala em que diz ter orgulho de ser do exército, a força responsável por proteger a soberania das fronteiras e do território nacional.

Como exemplo disso, na menção 3, o presidente afirma que o setor do agronegócio é o orgulho nacional, possibilitando-nos a inferir duas razões para tal – uma não excludente a outra –, a primeira é que ele está internacionalmente exaltando um setor que tem tendência a apoiá-lo, já a segunda seria que ele está celebrando a expressividade do Brasil nesse segmento dentro do comércio exterior, posto que o país é um grande agroexportador. De toda maneira, tais manifestações servem para mostrar o caráter nacionalista que seu discurso possui.

Ainda, é significativo pontuar que, durante a menção 7, a fala carregada de conotação nacionalista de Bolsonaro é utilizada para mascarar e minimizar um problema social histórico do Brasil, o racismo, ao dizer que ele enxerga a todos com as cores da bandeira do Brasil.

Na sequência, Tabela 6 faz referência ao subtema "Soberania", englobando os seguintes termos:

Menção	Termo	Contexto
1	Soberania	“Valendo-se dessas falácias, um ou outro país, em vez de ajudar, embarcou nas mentiras da mídia e se portou de forma desrespeitosa e com espírito colonialista. Questionaram aquilo que nos é mais sagrado: a nossa soberania.”
2	Soberania	“Bem como trazer à tona o atual quadro de mentiras propagado pela mídia nacional e internacional, que insistem em fazer dos povos indígenas do Brasil uma reserva de mercado sem fim, atendendo interesses estrangeiros de países que ainda enxergam no Brasil uma

		colônia sem regras e sem soberania.”
3	Soberania Brasileira	“Quero reafirmar minha posição de que qualquer iniciativa de ajuda ou apoio à preservação da Floresta Amazônica, ou de outros biomas, deve ser tratada em pleno respeito à soberania brasileira.”
4	Nações Soberanas	“A ONU pode ajudar a derrotar o ambiente materialista e ideológico que compromete alguns princípios básicos da dignidade humana. Essa organização foi criada para promover a paz entre nações soberanas e o progresso social com liberdade, conforme o preâmbulo de sua Carta.”
5	Soberanias	“Todos os nossos instrumentos, nacionais e internacionais, devem estar direcionados, em última instância, para esse objetivo. Não estamos aqui para apagar nacionalidades e soberanias em nome de um “interesse global” abstrato.”
6	Nação Independente	“Neste 7 de setembro, o Brasil completou 200 anos de história como nação independente. Milhões de brasileiros foram às ruas, convocados pelo seu presidente, trajando as cores da nossa bandeira.”
7	Nossa soberania	“Nesta linha, o Brasil está aberto para o desenvolvimento de tecnologia de ponta e inovação, a exemplo da indústria 4.0, da inteligência artificial, nanotecnologia e da tecnologia 5G, com quaisquer parceiros que respeitem nossa soberania, prezem pela liberdade e pela proteção de dados.”
8	Gestão Soberana	“Ao longo dos anos, como parlamentar, e agora como Presidente da República, sempre deixei claro que uma das prioridades do Estado brasileiro deveria ser a proteção e a gestão soberana de nossos recursos naturais.”
9	Direito Soberano	“Nesse sentido, recordo que a Convenção sobre Diversidade Biológica consagra o direito soberano dos Estados de explorar seus recursos naturais, em conformidade com suas políticas ambientais, e é exatamente isso o que pretendemos fazer com a enorme riqueza que existe no território brasileiro.”
10	Gestão Soberana	“Meu Governo mantém firme o compromisso com o desenvolvimento sustentável e com a gestão soberana dos recursos brasileiros.”
11	Soberania	“Contem com o Brasil para contribuir para o fortalecimento da democracia no mundo, com pleno respeito à soberania e à independência ”
12	Soberano	“Foi a essência desse povo que conquistou a simpatia do mundo. Contudo, há quem queira destruí-la, e colocar em seu lugar o conflito, o ressentimento, o ódio e a divisão entre raças, sempre mascarados de "luta por igualdade" ou "justiça social". Tudo em busca de poder. Não somos perfeitos. Temos, sim, os nossos problemas. Existem diversos interesses para que se criem tensões entre nós. Um povo unido é um povo soberano”

13	Soberania	“Outros países também foram na mesma direção, como o embaixador da China, reconheceu a nossa soberania. O destino do Brasil, as questões internas do Brasil, têm que ser tratadas por nós brasileiros.”
Total de menções		13

Fonte: Elaboração própria

Em geral, as menções ao subtema "soberania" são empregadas para reforçar ideias que dizem respeito à autonomia e valorização do Brasil perante aos outros Estados, como é característico de um discurso no âmbito da política externa. À vista disso, Bolsonaro buscou em diversos momentos reafirmar a soberania do país como inviolável, colocando governos estrangeiros como supostos interventores, auxiliados pelas lideranças domésticas críticas ao governo, como seria o caso da mídia.

Levando em consideração a menção 5, na qual Bolsonaro infere que a 'ideologia' e os interesses globais têm a ambição de apagar soberanias, nota-se a significância que este princípio tem para ele, descrevendo-o como sagrado. Já na menção 9 ele utiliza a soberania para dizer que a exploração de recursos naturais é um direito soberano dos países. Questionado por diversas vezes sobre a preservação da Amazônia, Bolsonaro busca se defender valendo-se justamente deste argumento, mencionado em mais de uma ocasião, como pode ser observado na tabela. Assim, ele indica também que quem atenta contra o direito de exploração, atenta diretamente contra a soberania, e portanto, acaba tornando-se uma ameaça ao tão estimado princípio.

No fim das contas, Bolsonaro também usa o discurso de proteção da soberania para afrontar a luta por igualdade e justiça social, argumentando que ela é responsável por desagregar o povo. Mais ainda, ele indica que este movimento de desagregação parte de um interesse de criar tensões, e dessa forma, ele constroi mais um elemento que representa uma ameaça ou perigo para o povo brasileiro, que em sua visão deve continuar unido, – ou seja, desprovido de reivindicações de cunho igualitário – para ser soberano.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções de cada subtema, da categoria "Nacionalismo", nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74ª S...	4 Discurso Cúpu...	7 Discurso do Pr...	9 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	14 Discurso do P...	15 Discurso do P...	16 Discurso do P...	30 Discurso Ses...	Totais
	75	2	21	13	13	5	10	4	8	
◆ Nacionalismo: Soberania 13	5		1	1		3	1	1	1	13
◆ Nacionalismo: Patriotismo 5	2		1	1	1					5
◆ Nacionalismo: Simbolog... 9	1	2	3			1		1	1	9
◆ Nacionalismo: Estrangei... 5	3			1		1				5
Totais	11	2	5	3	1	5	1	2	2	32

Fonte: Atlas.ti

De maneira geral, no contexto da categoria "Nacionalismo", o subtema "Soberania" foi o mais mencionado em todos os discursos que receberam codificação. Em segundo lugar em termos de menções, encontra-se o subtema "Simbologia Nacional", com 9 termos relacionados à sua temática. Por fim, as categorias "Estrangeiros" e "Patriotismo" estão empatadas com 5 menções cada. Nota-se que a distribuição das menções reflete a relevância de todos os subtemas, mas é evidente que a questão da soberania se destaca como um tema de grande importância nos discursos e retórica de Bolsonaro, aparecendo em praticamente todos os discursos presentes no diagrama.

Além disso, é evidente que o discurso nº 2, dentro desta categoria, teve a maior quantidade de menções, totalizando 11, seguido pelos discursos nº 7 e 14, cada um com 5 menções. Portanto, mais uma vez, o discurso nº 2 se destacou como sendo de grande importância e relevância para o presidente, ao ser utilizado para abordar a temática do nacionalista, relevante de acordo com a noção trazida por Casarões e Farias, que indicam que o governo de Jair Bolsonaro é um exemplo inequívoco de uma direita radical populista norteadora por vários graus de nacionalismo, xenofobia e autoritarismo.

7.3. Globalismo

Para a categoria "Globalismo", foi estabelecido apenas 1 subtema, de mesmo nome, que apresenta menções de termos ligados ao tema estabelecido. Os termos foram codificados e colocados em uma tabela de frequência, a fim de apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 7 faz referência ao subtema "Globalismo", tal como:

Tabela 7 – Frequência de menções ao subtema “Globalismo”		
Menção	Termo	Contexto
1	Interesse Global	“Todos os nossos instrumentos, nacionais e internacionais, devem estar direcionados, em última instância, para esse objetivo. Não estamos aqui para apagar nacionalidades e soberanias em nome de um “interesse global” abstrato. Esta não é a Organização do Interesse Global. É a Organização das Nações Unidas. Assim deve permanecer.”
2	Interesse Global	“Todos os nossos instrumentos, nacionais e internacionais, devem estar direcionados, em última instância, para esse objetivo. Não estamos aqui para apagar nacionalidades e soberanias em nome de um “interesse global” abstrato. Esta não é a Organização do Interesse Global. É a Organização das Nações Unidas. Assim deve permanecer.”

Total de menções	2
------------------	---

Fonte: Elaboração própria

Apesar de contar com poucas menções, apenas duas – presentes no mesmo trecho do mesmo discurso –, elas são bastante significativas para entendermos como o termo codificado é utilizado no discurso de política externa do ex-presidente Jair Bolsonaro. Salienta-se que ele não emprega o termo "globalismo" em si, mas sim uma expressão correlata que possui, se não o mesmo, significado muito parecido. Como já apontado anteriormente, Bolsonaro acusa um "interesse global abstrato" de apagar nacionalidades e soberanias, além disso, demanda que a ONU não seja conivente com o tal interesse. Nesse sentido, ele antagoniza a soberania em relação ao interesse global, criando uma fronteira dicotômica e atribuindo vilania ao último.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções do subtema da categoria "Globalismo" nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74ª S...	7 Discurso do Pr...	9 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	15 Discurso do P...	16 Discurso do P...	20 Discurso do...	27 Discurso Fór...	30 Discurso Ses...	Totais
Globalismo	2	2								2
Totais	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2

Fonte: Atlas.ti

Como mencionado anteriormente, embora a categoria tenha uma importância significativa na análise do discurso de Jair Bolsonaro relacionado à construção de inimigos, especialmente pela maneira como é tratada pelo chanceler Ernesto Araújo, o subtema "globalismo" foi mencionado apenas duas vezes pelo Presidente da República, ambas em um único discurso, assim como identificado no diagrama acima.

7.4. Corrupção

Dentro da categoria "Corrupção", foram estabelecidos 2 subtemas que contam com menções de termos ligados, direta e indiretamente, ao tema da categoria, sendo eles: Ética e Corrupção (como subtema). Então, a partir desta divisão, os termos foram codificados e colocados em tabelas de frequência, que visam apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 8 faz referência ao subtema "Corrupção", englobando os seguintes termos:

Tabela 8 – Frequência de menções ao subtema “Corrupção”

Menção	Termo	Contexto
--------	-------	----------

1	Corruptos	“Seguiremos contribuindo, dentro e fora das Nações Unidas, para a construção de um mundo onde não haja impunidade, esconderijo ou abrigo para criminosos e corruptos.”
2	Corrupção	“É um compromisso que caminha junto com o combate à corrupção e à criminalidade, demandas urgentes da sociedade brasileira.”
3	Corrupção	“Na área de segurança, a presidência brasileira concentrou a atenção no combate ao terrorismo e na luta contra a corrupção.”
4	Corrupção	“Estamos há 2 anos e 8 meses sem qualquer caso concreto de corrupção.”
5	Corrupção Sistêmica	“No meu governo, extirpamos a corrupção sistêmica que existia no país.”
6	Combate à Corrupção	“Esta é uma oportunidade para renovar, no mais alto nível, nosso compromisso comum com a defesa da democracia, o combate à corrupção e a proteção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.”
7	Corrupção	“A luta contra a corrupção também constitui prioridade permanente, tanto é que estamos completando três anos sem uma denúncia sequer contra o nosso governo, ao contrário do que ocorria em anos anteriores.”
8	Anticorrupção	“Adotamos o mais ambicioso e abrangente plano anticorrupção da história deste país e estamos construindo e fortalecendo mecanismos para prevenir, detectar, e punir atos de fraude, corrupção e comportamento antiético.”
9	Corrupção	“Adotamos o mais ambicioso e abrangente plano anticorrupção da história deste país e estamos construindo e fortalecendo mecanismos para prevenir, detectar, e punir atos de fraude, corrupção e comportamento antiético.”
10	Combate à Corrupção	“Fico feliz em ver que outro resultado concreto dessa Cúpula é a assinatura do acordo de combate à corrupção no comércio e nos investimentos.”
11	Corrupção	“Pela primeira vez no Brasil, um presidente montou uma equipe de ministros qualificados. Honrando o compromisso de campanha, não aceitando ingerências político-partidárias, que, no passado, apenas geraram ineficiência do Estado e corrupção.”
12	Combate à Corrupção	“Aqui entre nós, meu ministro da Justiça, Sérgio Moro, o homem certo para o combate à corrupção e para o combate à lavagem de dinheiro.”

13	Lavagem de Dinheiro	“Aqui entre nós, meu ministro da Justiça, Sérgio Moro, o homem certo para o combate à corrupção e para o combate à lavagem de dinheiro.”
Total de menções		13

Fonte: Elaboração própria

Em geral, as menções que estão ligadas ao subtema "Corrupção" assumem um caráter bastante combativo. É possível observar isso pelas vezes em que Bolsonaro proclama uma luta contra corrupção, valendo-se por 3 vezes do próprio termo 'combate', ao assumir um compromisso em extingui-la. Desta forma, além de apontar um adversário manifesto do seu governo, ele externaliza uma pauta sistêmica do Brasil, como é o caso da menção 1, na qual ele alega que contribuirá, no escopo das Nações Unidas, para que não haja mais corrupção no mundo.

De forma enfática, Bolsonaro alega ter sido responsável por erradicar a corrupção no Brasil, e um dos argumentos que ele utiliza para justificar essa conquista é a seleção da equipe que integra sua administração. Conforme mencionado anteriormente, a crise econômica que o Brasil enfrentou nos anos anteriores foi frequentemente atribuída pelos opositores da época ao Partido dos Trabalhadores, o que contribuiu para a ascensão de Bolsonaro ao poder. Isso se transformou em uma narrativa de perseguição e descreditação da esquerda.

A título de exemplo, na menção 11, Bolsonaro assegura que seu governo cumpre a promessa de campanha, que era a erradicação da corrupção, ao evitar interferências político-partidárias que, segundo ele, nos governos anteriores resultaram em ineficiência estatal e corrupção. Dessa forma, Bolsonaro se posiciona no outro lado da fronteira antagônica, em oposição à esquerda, e atribui a esta a total responsabilidade pela corrupção, que ele credita como um grande inimigo do Estado.

Tabela 9 – Frequência de menções ao subtema “Ética”

Menção	Termo	Contexto
1	Crise Ética	“Assumi o Brasil em uma profunda crise ética, moral e econômica.”
2	Ética	“Pegamos um Brasil quase que destruído economicamente, bem como ética e moralmente também. O povo tem acreditado em nós.”

3	Comportamento Antiético	“Adotamos o mais ambicioso e abrangente plano anticorrupção da história deste país e estamos construindo e fortalecendo mecanismos para prevenir, detectar, e punir atos de fraude, corrupção e comportamento antiético.”
Total de menções		3

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao subtema "Ética", Bolsonaro atribui uma crise moral e ética ao Brasil, fazendo referência aos episódios de corrupção ocorridos nos governos anteriores ao dele, e aproveita para dizer que o povo tem acreditado nele para reconstruir o Brasil. Por isso, ele cita que foi adotado um plano anticorrupção para ser aplicado no país, a fim de evitar comportamentos antiéticos. Desta forma, ele se coloca como a pessoa que será responsável por extinguir a corrupção do Brasil, problema estrutural da política brasileira, pretendendo diferenciar-se do antigo governo, além de afirmar que a parte da população que é contrária à corrupção deve estar ao seu lado.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções de cada subtema, da categoria "Corrupção", nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74ª S...	3 Discurso abert...	7 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	15 Discurso do P...	18 Discurso do P...	27 Discurso Fór...	30 Discurso Ses...	Totais
Corrupção: Ética	3				1		1	1	3
Corrupção: Corrupção	13	2	1	1	4	1	3		13
Totais	2	1	1	1	5	1	4	1	16

Fonte: Atlas.ti

É evidente que os termos codificados no subtema "Corrupção" são notavelmente mais repetidos em comparação com o subtema "Ética", com 13 menções para o primeiro e apenas duas para o segundo. Isso sugere que "corrupção", sendo um termo diretamente associado à figura do inimigo, foi preferencialmente abordado por Bolsonaro e usado de forma significativa. Além disso, é interessante notar que o discurso com o maior número de menções foi o discurso nº15, correspondente à sua fala na Cúpula da Democracia. Logo após, o discurso nº27 ficou muito próximo, com apenas uma menção a menos. Assim, como explicado anteriormente, pode-se concluir que o discurso que recebeu o maior número de menções foi selecionado para enfatizar de maneira mais expressiva a temática, indicando uma escolha e estratégia deliberadas por parte de Bolsonaro na construção do discurso.

7.5. Conservadorismo

Dentro da categoria "Conservadorismo", foram estabelecidos 4 subtemas que contam com menções de termos ligados, direta ou indiretamente, ao tema da categoria, sendo eles: Família, Ideologia de Gênero, Tradições e Valores. Então, a partir desta divisão, os termos foram codificados e colocados em tabelas de frequência, que visam apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 10 faz referência ao subtema "Família", englobando os seguintes termos:

Tabela 10 – Frequência de menções ao subtema “Família”		
Menção	Termo	Contexto
1	Valores familiares	“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.”
2	Família	“A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo identidade mais básica e elementar, a biológica.”
3	Família	“Foi a maior demonstração cívica da história do nosso país, um povo que acredita em Deus, Pátria, família e liberdade.”
4	Família	“Outros valores fundamentais para a sociedade brasileira, com reflexo na pauta dos direitos humanos, são a defesa da família, do direito à vida desde a concepção, à legítima defesa e o repúdio à ideologia de gênero.”
5	Família	“O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base.”
6	Família	“O Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição e seus militares, valoriza a família e deve lealdade a seu povo.”
7	Família Tradicional	“Temos a família tradicional como fundamento da civilização. E a liberdade do ser humano só se completa com a liberdade de culto e expressão”
8	Família	“Neste ano em que o Brasil comemora duzentos anos de Independência, afirmamos que temos um governo que acredita em Deus, respeita os seus militares, é favorável à vida desde a sua concepção, defende a família e deve lealdade ao seu povo.”

9	Família	“Vamos defender a família, os verdadeiros direitos humanos; proteger o direito à vida e à propriedade privada e promover uma educação que prepare nossa juventude para os desafios da quarta revolução industrial, buscando, pelo conhecimento, reduzir a pobreza e a miséria.”
10	Família	“Setores da sociedade fecharam comigo, como os evangélicos, o pessoal do campo, do agronegócio, as pessoas que valorizam a família. ”
Total de menções		10

Fonte: Elaboração própria

Ao observar os discursos e a tabela em questão, foi possível observar que durante a mobilização de termos que se relacionam com a temática do conservadorismo, a família foi um grande objeto retórico recorrido pelo presidente, figurando sozinha com 10 menções. Nesse sentido, Bolsonaro exalta o papel da família heteronormativa, considerada o padrão a ser seguido, na maioria das menções presentes na tabela. Em diversas situações, Bolsonaro não apenas declarou enfaticamente sua convicção na importância da instituição familiar, mas também fez uso do termo "defesa da família", o que pressupõe, de maneira inerente, a existência de uma ameaça ou potencial ataque.

De acordo com ele, existem movimentos que buscam desestabilizar e desintegrar a unidade familiar, que seria o pilar de qualquer sociedade, estabelecendo-a como um fator indispensável na composição de um país. Em conformidade com a menção 1 da tabela, observa-se que ele nomeia um desses movimentos como o socialismo, acusando-o de promover ataques aos valores familiares. Já na menção dois o inimigo passa a ser a ideologia, que estaria atentando contra a família, acusada de destruir a inocência e perverter crianças.

Por último, na referência 10, Bolsonaro dá a entender que sua base de apoio é formada por aqueles que valorizam a concepção de família, ao mesmo tempo em que sugere, implicitamente, que aqueles que não se encaixam no (ou não pregam pelo) padrão de família tradicional que ele endossa, podem ser vistos como oponentes do governo e da nação, uma vez que ele ressalta que a família tradicional é o pilar da sociedade brasileira.

Em seguida, Tabela 11 faz referência ao subtema "Ideologia de Gênero", englobando os seguintes termos:

Tabela 11 – Frequência de menções ao subtema “Ideologia de Gênero”		
Menção	Termo	Contexto

1	Ideologia de gênero	“Outros valores fundamentais para a sociedade brasileira, com reflexo na pauta dos direitos humanos, são a defesa da família, do direito à vida desde a concepção, à legítima defesa e o repúdio à ideologia de gênero ”
2	Identidade biológica	“Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo identidade mais básica e elementar, a biológica. ”
Total de menções		2

Fonte: Elaboração própria

Nas menções presentes na tabela acima, o presidente visa construir uma noção de que essa unidade familiar está em perigo e deve ser defendida contra a agressão feita pelo inimigo. Para isso, em seu ideário, utiliza-se de artifícios, como a “ideologia de gênero”, para indicar quem deseja destruí-la. É necessário pontuar que o termo ideologia de gênero é um significante vazio, ao passo que pode ser associado a vários outros termos e não tem um significado próprio, concreto. Geralmente, é atrelado à comunidade LGBTQIA+, ao ensino sexual nas escolas, aos estudos de gênero e até mesmo ao feminismo.

Analogamente, há uma referência a uma suposta violação à “identidade biológica” de crianças, podendo essa ser uma clara alusão à população LGBTQIA+, especialmente a pessoas trans. Desta forma, todas significações que podem se encaixar na ideologia de gênero tornam-se um inimigo aberto da família, dos valores morais, das tradições que Bolsonaro tanto cita e propõe defender.

Já a Tabela 12 faz referência ao subtema "Tradições", englobando os seguintes termos:

Menção	Termo	Contexto
1	Tradições	“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.”
2	Conservador	“O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base.”
3	Família Tradicional	“Temos a família tradicional como fundamento da civilização. E a liberdade do ser humano só se completa com a liberdade de culto e expressão. ”
Total de menções		3

Fonte: Elaboração própria

É notório a instrumentalização de palavras e expressões que reforçam a ideia de um modelo de país conservador que carrega e valoriza as tradições. Na Tabela 12, Bolsonaro define as tradições brasileiras como compostas pelos valores familiares e religiosos. Na menção 2, ele afirma de maneira enfática que o Brasil é uma nação conservadora, buscando estabelecer um diálogo e atrair para seu lado uma parcela da população que se identifica com o conservadorismo. Para isso, ele generaliza seu discurso, sugerindo que a totalidade – ou pelo menos a grande maioria – dos brasileiros compartilha dos princípios conservadores.

É interessante destacar também o uso do "tradicional" quando o presidente se refere à família. Para ele, o que está implicado nisto é a família heteronormativa, composta por pai, mãe e filhos. Qualquer coisa para além dessa definição estaria indo contra as tradições as quais, de acordo com ele, fundamentam a sociedade brasileira.

Na sequência, Tabela 13 faz referência ao subtema "Valores", englobando os seguintes termos:

Tabela 13 – Frequência de menções ao subtema “Valores”		
Menção	Termo	Contexto
1	Valores familiares	“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.”
2	Valores fundamentais	“Outros valores fundamentais para a sociedade brasileira, com reflexo na pauta dos direitos humanos, são a defesa da família, do direito à vida desde a concepção, à legítima defesa e o repúdio à ideologia de gênero.”
3	Valor Inerente	“A proteção dos direitos humanos é um valor inerente ao governo brasileiro e orientador de todas as nossas políticas públicas e programas sociais.”
4	Valores	“O que existem são homens bons e homens maus; e são as nossas escolhas e valores que determinarão qual dos dois nós seremos.”
5	Nossos valores	“Vamos resgatar nossos valores e abrir nossa economia.”
Total de menções		5

Fonte: Elaboração própria

Similarmente ao subtema "Tradições", o subtema "Valores" também reforça quais seriam os preceitos morais que regem o Brasil segundo Jair Bolsonaro. Neste sentido, a

menção 2 é eficaz para se entender o que ele considera como valores fundamentais na sociedade brasileira: defesa da família, defesa da vida contra o aborto, legítima defesa e repúdio a ideologia de gênero. Evidencia-se que, se um valor é fundamental, ele não pode ser dispensado. Assim, quando ele coloca todas estas premissas citadas acima neste patamar, tudo aquilo que está contrário torna-se perigo ao representar uma ameaça da quebra destes valores.

É possível observar que na menção 4 ele utiliza a dicotomia 'homens bons vs. homens maus' e indica que a classificação pode ser feita em concordância com quais valores cada um tem. Como ele já havia esclarecido em outras ocasiões quais são os valores que ele considera corretos, os homens maus são todos aqueles que estão do lado oposto ao que ele prega, representando os inimigos dos valores morais. Na menção 5, Bolsonaro se apresenta como o representante encarregado de restaurar esses valores, indicando que ele é a figura que liderará a luta contra aquilo que ele vê como uma ameaça e garantirá a segurança da população.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções de cada subtema, da categoria "Conservadorismo", nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74ª S...	7 Discurso do Pr...	9 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	15 Discurso do P...	16 Discurso do P...	20 Discurso do...	27 Discurso Fór...	30 Discurso Ses...	Totais
	75	21	13	13	10	4	8	11	8	
Conservadorismo: Ideol...	1	1								2
Conservadorismo: Tradi...	1		1	1						3
Conservadorismo: Valor...	1	1			1	1		1		5
Conservadorismo: Família	2	2	1	2			1	1	1	10
Totais	5	4	2	3	1	1	1	2	1	20

Fonte: Atlas.ti

De acordo com o diagrama, é evidente que o subtema "Família" foi o mais enfatizado por Jair Bolsonaro, com um total de 10 menções. Em seguida, temos os subtemas "Valores", "Tradições" e "Ideologia de Gênero", com 5, 3 e 2 menções, respectivamente. Isso demonstra que Bolsonaro deu uma ênfase especial à mobilização do conceito de família, aproveitando sua importância no imaginário da sociedade brasileira, como um meio de se conectar com a parcela conservadora da população.

Embora os outros temas também sejam relevantes com relação à temática do conservadorismo, com base na distribuição de menções dentro dos subtemas, fica claro que receberam menos destaque na retórica de Bolsonaro em comparação com o primeiro termo. Quanto à distribuição das menções nos discursos, mais uma vez o discurso nº2 apresentou a maior frequência de menções, seguido de perto pelos demais.

7.6. Comunismo

Dentro da categoria "Comunismo", foram estabelecidos 5 subtemas que contam com menções de termos ligados, direta ou indiretamente, ao tema da categoria, sendo eles: Socialismo, Regime, Esquerda e Ditadura. Então, a partir desta divisão, os termos foram codificados e colocados em tabelas de frequência, que visam apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 14 faz referência ao subtema "Socialismo", englobando os seguintes termos:

Tabela 14 – Frequência de menções ao subtema “Socialismo”		
Menção	Termo	Contexto
1	Socialismo	“Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo. Um Brasil que está sendo reconstruído a partir dos anseios e dos ideais de seu povo.”
2	Socialismo	“Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.”
3	Socialismo	“A Venezuela, outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo.”
4	Socialismo	“O socialismo está dando certo na Venezuela! Todos estão pobres e sem liberdade!”
5	Presidentes Socialistas	“Há pouco, presidentes socialistas que me antecederam, desviaram centenas de bilhões de dólares comprando parte da mídia e parte do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto.”
6	Socialismo	“O Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição e seus militares, valoriza a família e deve lealdade a seu povo. Isso é muito, é uma sólida base, se levarmos em conta que estávamos à beira do socialismo.”
7	Socialismo	“O Foro de São Paulo, organização criminosa criada em 1990 por Fidel Castro, Lula e Chávez para difundir e implementar o socialismo na América Latina, ainda continua vivo e tem que ser combatido.”
Total de menções		7

Fonte: Elaboração própria

Com base nas citações apresentadas na Tabela 14, o presidente Bolsonaro frequentemente recorreu a termos relacionados ao subtema "Socialismo" para descrever como o Brasil teria enfrentado uma ameaça socialista em um passado recente. Nessas referências,

ele insinua que é o responsável por resgatar o Brasil desse suposto inimigo, argumentando que, antes de seu governo, o país teria enfrentado problemas e ataques decorrentes dele. Também, Bolsonaro caracteriza o socialismo como um tipo de 'crueldade' e compara a situação do Brasil com a da Venezuela, que, segundo ele, teria sido uma nação próspera e democrática antes de passar por transformações associadas ao socialismo. Não obstante, o ex-presidente atrela, na menção 4, o regime socialista da Venezuela à pobreza e falta de liberdade.

Quando Bolsonaro concentra seu discurso no contexto brasileiro, ele costuma caracterizar os presidentes anteriores como socialistas e sugere que estiveram envolvidos em esquemas de corrupção, visando um projeto de poder absoluto. Desta forma, ele implica os ex-governantes possuíam aspirações autoritárias, associando o socialismo diretamente à ditadura. Na menção 6, fica claro que Bolsonaro se promove, destacando-se como um presidente que professa sua fé em Deus, respeita a Constituição e os militares, valoriza a família e presta lealdade ao povo. Ele enfatiza a importância de ter um presidente com essas qualidades, argumentando que, diante da ameaça iminente do socialismo, tudo o que ele representa estaria em risco.

Nas menções diretas ao inimigo representado pelo socialismo, Bolsonaro cita até mesmo uma suposta organização – o Foro de São Paulo –, segundo ele criado por lideranças emblemáticas da esquerda latinoamericana, incluindo o presidente Lula, que seria um projeto de poder ainda vigente. Nesse sentido, é evidente a mobilização da figura do socialismo de forma genérica como algo a ser combatido.

Em seguida, Tabela 15 faz referência ao subtema "Regime", englobando os seguintes termos:

Tabela 15 – Frequência de menções ao subtema "Regime"		
Menção	Termo	Contexto
1	Regime	“Em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de trazer cônjuges e filhos, tiveram 75% de seus salários confiscados pelo regime e foram impedidos de usufruir de direitos fundamentais, como o de ir e vir.”
2	Regime Cubano	“Antes mesmo de eu assumir o governo, quase 90% deles deixaram o Brasil, por ação unilateral do regime cubano. Os que decidiram ficar, se submeterão à qualificação médica para exercer sua profissão.”

3	Regime Brasileiro	“Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade.”
4	Regime Cubano	“Na Venezuela, esses agentes do regime cubano, levados por Hugo Chávez, também chegaram e hoje são aproximadamente 60 mil, que controlam e interferem em todas as áreas da sociedade local, principalmente na Inteligência e na Defesa. ”
5	Nefasto Regime	“Trabalhamos com outros países, entre eles os Estados Unidos, para que a democracia seja restabelecida na Venezuela, mas também nos empenhamos duramente para que outros países da América do Sul não experimentem esse nefasto regime. ”
6	Regime Ditatorial	“Quero aqui anunciar que o Brasil abre suas portas para acolher os padres e freiras católicos que têm sofrido perseguição do regime ditatorial da Nicarágua. O Brasil repudia a perseguição religiosa em qualquer lugar do mundo. ”
7	Regimes Autoritários	“A responsabilidade do voto de cada um de nós, para que aquele que realmente tenha compromisso com a liberdade, com a democracia e com a prosperidade possa ocupar esse cargo majoritário na sua respectiva nação. Não há mais entre nós espaço para regimes autoritários ”
Total de menções		7

Fonte: Elaboração própria

Analisando a Tabela 15, torna-se evidente que o subtema "Regime" apresenta um número significativo de menções. De maneira geral, Bolsonaro utiliza o termo e suas variantes para caracterizar os sistemas políticos adotados por países que seguem o modelo socialista. É notável que, nos contextos em que ele emprega esse termo, ele o associa diretamente a uma forma de governo ditatorial. Bolsonaro frequentemente utiliza o termo em conjunto com outros que sugerem ausência de liberdade e democracia, e o vincula a perseguições, como as de natureza religiosa. Na maioria das vezes, ao falar de regime, o ex-presidente está fazendo uma alusão aos governos de Cuba, Venezuela e Nicarágua, que fazem parte do espectro político de esquerda socialista.

Além disso, como exemplificado na menção 1, Bolsonaro estabelece uma conexão direta entre o Partido dos Trabalhadores e a ditadura cubana, com o objetivo de identificar para seu público quem seria o representante do inimigo dentro do contexto brasileiro. Ele até mesmo afirma que houve uma tentativa, por parte dos membros desse partido, de alterar o regime político vigente no Brasil. Além disso, ele utiliza a Venezuela como um exemplo flagrante de fracasso do regime socialista e atribui aos agentes do governo cubano a

responsabilidade por essa situação, alegando que eles intervieram no país vizinho para implementá-lo.

Já na menção 5, mais uma vez usando a situação da Venezuela como exemplo, Bolsonaro declara que não permitirá que, não apenas o Brasil, mas toda a América do Sul experimente o regime que ele próprio qualifica como nefasto. Nesse contexto, ele se apresenta como o protetor de todo o continente, estabelecendo uma clara distinção e posicionando-se como opositor desse regime, como seu combatente.

Já a Tabela 16 faz referência ao subtema "Esquerda", englobando os seguintes termos:

Tabela 16 – Frequência de menções ao subtema “Esquerda”		
Menção	Termo	Contexto
1	Militante de Esquerda	“Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida.”
2	Esquerda	“No meu governo, extirpamos a corrupção sistêmica que existia no país. Somente entre o período de 2003 e 2015, onde a esquerda presidiu o Brasil, o endividamento da Petrobras por má gestão, loteamento político e em desvios chegou a casa dos US\$ 170 bilhões de dólares.”
Total de menções		2

Fonte: Elaboração própria

A associação do termo "esquerda" à categoria comunista está enraizada na história política do Brasil por uma série de fatores, sociais, políticos e ideológicos. Historicamente, os partidos de esquerda no Brasil, especialmente durante o período da Guerra Fria, foram associados ao comunismo e o rótulo de "comunista" era frequentemente usado de maneira genérica para desqualificar, difamar e desacreditar os opositores políticos.

Embora tenha ocorrido apenas um número limitado de menções, Bolsonaro utilizou o termo "esquerda" de forma pejorativa. Em uma dessas menções, ele alega ter sido covardemente esfaqueado por um militante de esquerda, retratando esse indivíduo como um inimigo direto, alguém que chegou ao extremo de atentar contra sua vida. Além disso, Bolsonaro imputa crimes de corrupção à esquerda, ao afirmar que antes de seu governo erradicar essa prática, a esquerda teria disseminado a corrupção de forma generalizada. Como a corrupção é considerada um inimigo, ele associa a esquerda a essa prática criminosa, tornando-se mais uma ameaça.

Na sequência, Tabela 17 faz referência ao subtema "Ditadura", englobando os seguintes termos:

Tabela 17 – Frequência de menções ao subtema “Ditadura”		
Menção	Termo	Contexto
1	Ditaduras	“A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras.”
2	Ditadura Cubana	“Em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de trazer cônjuges e filhos, tiveram 75% de seus salários confiscados pelo regime e foram impedidos de usufruir de direitos fundamentais, como o de ir e vir.”
3	Ditadura Venezuelana	“O Brasil também sente os impactos da ditadura venezuelana. Dos mais de 4 milhões que fugiram do país, uma parte migrou para o Brasil, fugindo da fome e da violência. Temos feito a nossa parte para ajudá-los, através da Operação Acolhida, realizada pelo Exército Brasileiro e elogiada mundialmente.”
4	Ditadura Bolivariana	“A Operação Acolhida, encabeçada pelo Ministério da Defesa, recebeu quase 400 mil venezuelanos deslocados devido à grave crise político-econômica gerada pela ditadura bolivariana.”
5	Ditadura Bolivariana	“Nosso país sempre acolheu refugiados. Em nossa fronteira com a vizinha Venezuela, a Operação Acolhida, do Governo Federal, já recebeu 400 mil venezuelanos deslocados devido à grave crise político-econômica gerada pela ditadura bolivariana.”
6	Ditadura Cubana	“Deste modo, nosso país deixou de contribuir com a ditadura cubana, não mais enviando para Havana 300 milhões de dólares todos os anos.”
Total de menções		6

Fonte: Elaboração própria

Analisando os discursos de Bolsonaro, é possível perceber que o termo "ditadura" é uma maneira distinta que ele emprega para se referir aos regimes socialistas na América Latina. Além disso, os contextos em que o termo é utilizado são notavelmente semelhantes, sempre carregando uma conotação negativa e representando uma ameaça. É notável também que o termo nunca é empregado por Bolsonaro para se referir a governos autocráticos que adotam o sistema capitalista, como é o caso da Arábia Saudita, país com o qual ele fortaleceu relações durante o seu governo.

Entrando na esfera das menções, na menção 1, Bolsonaro afirma que Cuba desempenhou um papel na promoção da implementação de ditaduras. Assim, no contexto desse discurso, o inimigo é, além do socialismo em si, – responsável por lançar as bases para que uma ditadura se instaure –, o país Cuba, apresentado como seu principal representante.

Assim, Bolsonaro associa a ideia de ditadura ao socialismo, e Cuba é destacada como um exemplo negativo desse sistema político.

De maneira similar às mobilizações presentes no subtema "Regime", Bolsonaro associa o Partido dos Trabalhadores à ditadura cubana, além de dizer que o próprio Brasil sente os impactos da Ditadura Venezuelana. Durante as menções 4 e 5, é possível observar que ele cita 2 vezes a mesma informação, em contextos diferentes, conferindo importância a esse fato, presente por mais de uma vez em seu discurso. Por fim, ele credita a si mesmo a responsabilidade de romper com a ditadura cubana, alçando-se, mais uma vez, ao lugar de principal combatente do inimigo.

Finalmente, a Tabela 18 faz referência ao subtema "Comunista", englobando os seguintes termos:

Menção	Termo	Contexto
1	Países Comunistas	“Nosso Banco de Desenvolvimento era usado para financiar obras em países comunistas, sem garantias. Quem honra esses compromissos é o próprio povo brasileiro.”
Total de menções		1

Fonte: Elaboração própria

Com apenas um uso direto do termo "comunista", na menção em questão, Bolsonaro insinua que o Banco do Desenvolvimento teria sido utilizado para financiar projetos em países comunistas, sugerindo que os próprios brasileiros estariam arcando com os custos disso. Nesse contexto, ele atribui uma responsabilidade à sociedade, alegando que ela estaria, sem seu próprio consentimento e contra sua vontade, colaborando com o que ele considera o inimigo, visando despertar um sentimento de revolta no povo devido ao suposto engano.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções de cada subtema, da categoria "Comunismo", nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	2 Discurso 74ª S...	7 Discurso do Pr...	9 Discurso do Pr...	10 Discurso do P...	29 Discurso Ses...	Totais
	75	21	13	13	11	
Comunismo: Regime	5	1			1	7
Comunismo: Socialismo	6			1		7
Comunismo: Esquerda	1	1				2
Comunismo: Comunista				1		1
Comunismo: Ditadura	4		1	1		6
Totais	16	2	1	3	1	23

Fonte: Atlas.ti

De modo geral, ao analisar o diagrama, podemos concluir que os subtemas "Regime" e "Socialismo" receberam a maior quantidade de codificações, com 7 menções cada. Logo em seguida, e muito próximos em termos de menções, está o subtema "Ditadura," que, como mencionado anteriormente, é usado como sinônimo de regime, e ambos se referem diretamente ao socialismo. Os subtemas "Esquerda" e "Comunismo" obtiveram menos menções, com apenas 2 cada, indicando que Bolsonaro preferiu empregar outros termos para se referir aos inimigos do Estado.

Da mesma forma que na maioria dos casos, ao analisar a distribuição da frequência das menções nos discursos, o discurso nº 2 se destaca de longe como aquele que contou com o maior número de menções, revelando a pertinência que o presidente atribui a esse evento específico na sua retórica de política externa.

7.7. Ideologia

Para a categoria "Ideologia", foi estabelecido apenas 1 subtema, de mesmo nome, que apresenta menções de termos ligado ao tema estabelecido. Os termos foram codificados e colocados em uma tabela de frequência, a fim apontar quais foram as terminologias utilizadas no discurso, o seu contexto e a quantidade de menções. Nesse sentido, a Tabela 19 faz referência ao subtema "Ideologia", tal como:

Tabela 19 – Frequência de menções ao subtema “Ideologia”		
Menção	Termo	Contexto
1	Retrocessos Ideológicos	“ Não podemos perder tempo: precisamos levar adiante as reformas que estão dando vitalidade ao Mercosul sem aceitar retrocessos ideológicos. ”
2	Ideais	“Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo. Um Brasil que está sendo reconstruído a partir dos anseios e dos ideais de seu povo. ”
3	Amarras Ideológicas	“O Brasil possui 14% do seu território nacional, regularizado como terras indígenas e muitas comunidades estão sedentas para que o desenvolvimento desta parte do Brasil, finalmente ocorra sem amarras ideológicas ou burocráticas. ”
4	Ideologia	“Visitamos também um de nossos grandes parceiros no Cone Sul, a Argentina. Com o Presidente Mauricio Macri e nossos sócios do Uruguai e do Paraguai, afastamos do Mercosul a ideologia e conquistamos importantes vitórias comerciais, ao concluir negociações que já se arrastavam por décadas.”
5	Sistemas Ideológicos	“Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por sistemas ideológicos de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. ”

6	Ideologia	“A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas.”
7	Ideologia	“A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família.”
8	Ideologia	“O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu”
9	Ideologia	“E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou.”
10	Ambiente Ideológico	“A ONU pode ajudar a derrotar o ambiente materialista e ideológico que compromete alguns princípios básicos da dignidade humana.”
11	Viés Ideológico	“Nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir.”
12	Viés Ideológico	“Quero aproveitar a ocasião para firmar o compromisso do meu governo com a modernização e a abertura do nosso bloco. Fazê-lo dele um instrumento de comércio com o mundo, sem o viés ideológico que eu tanto critiquei enquanto parlamentar.”
13	Viés Ideológico	“Compartilhamos aqui entre nós, a visão de que para cumprir o seu papel de motor do desenvolvimento, o nosso bloco deve concentrar-se em três áreas. As negociações externas, aí com grande apoio do meu ministro das Relações Exteriores, no zelo das indicações das embaixadas, também sem mais o viés ideológico do passado e quem sabe um grande embaixador dos Estados Unidos brevemente.”
14	Ideologia	“Com essas decisões, deixamos claro que queremos um Mercosul de menos discurso e de mais ação. E sem ideologia e muito mais resultados.”
Total de menções		14

Fonte: Elaboração própria

O termo "ideologia" foi frequentemente empregado de diversas maneiras e abordagens por Jair Bolsonaro. Entretanto, é crucial observar que, devido a essa abrangência, ele não o associa a nenhum conceito específico. A utilização do termo é superficial e carece de um significado preciso. Nesse contexto, pode-se argumentar que a 'ideologia' mencionada por Bolsonaro representa um signo vazio, conforme proposto por Laclau.

Durante o uso nas menções, o presidente trata a ideologia como algo nocivo, perigoso e ameaçador que estaria rondando vários espectros da vida social, cultural, política, entre

várias outras, do Brasil e da América do Sul. Em várias ocasiões, Bolsonaro enfatiza a importância de conter a disseminação da ideologia, que, segundo ele, já teria se infiltrado nas gestões anteriores à sua administração. Numa das poucas vezes que ele atribui algum sentido ao termo, ele diz que a ideologia estaria em busca do poder absoluto – fato que ele faria de tudo para impedir–, além de associá-la diretamente com a morte, ignorância e miséria.

Conforme evidenciado nas menções 3, 5, 6 e 7, Bolsonaro vê a ideologia como um sério problema interno e a aborda também em um contexto regional, relacionando-a aos países do Mercosul. Portanto, durante suas intervenções nas reuniões do bloco, o Presidente brasileiro faz um apelo aos outros líderes pela eliminação da ideologia, assim como, em momentos posteriores, afirma que a retirou pessoalmente do âmbito do Mercosul, como pode ser observado nas menções 4 e 14.

Na área da Política Externa, vide menções 11 e 13, Bolsonaro ressalta que, sob o comando do ministro Ernesto Araújo, as relações internacionais do país deixariam de carregar consigo o viés ideológico. Além disso, Bolsonaro, ainda num avanço sobre o âmbito externo, traz a pauta anti-ideologia para o terreno das Nações Unidas, afirmando que a organização pode ajudar a deter um suposto ambiente materialista e ideológico que seria tão nocivo a ponto de comprometer princípios básicos da dignidade humana. Tendo isso em vista, é possível dizer que Bolsonaro alça a ideologia ao posto de uma das maiores ameaças e mais desprezíveis inimigos, levando em consideração a conotação que ele atribui ao termo durante todas as menções presentes na Tabela 19, mas especialmente nas menções 7, 8 e 9.

Ao enfatizar de maneira tão veemente os danos causados pela ideologia, é possível identificar uma estratégia sólida de combate adotada por Bolsonaro. Isso ocorre na tentativa de sensibilizar seus interlocutores sobre os perigos que a ideologia representa em diversas áreas, bem como para destacar que ele é um fervoroso combatente dela. Essa abordagem pode ser interpretada como uma forma de atrair e conquistar o apoio de pessoas que se identificam com o espectro ideológico sobre o qual toma para si e se afirma, mesmo que essa afirmação seja pautada na diferenciação e na identificação do inimigo.

Considerando o diagrama código-documento gerado para fins analíticos, a distribuição das menções do subtema da categoria "Ideologia" nos discursos pode ser resumida da seguinte maneira:

	PDF 1 Discurso abert...	PDF 2 Discurso 74ª S...	PDF 27 Discurso Fór...	PDF 29 Discurso Ses...	Totais
	3	75	11	11	
◆ Ideologia: Ideologia	1	9	1	3	14
Totais	1	9	1	3	14

Fonte: Atlas.ti

Apenas com um subtema, a palavra "ideologia" acumulou um total de 14 menções, figurando entre os termos mais frequentemente mencionados nos subtemas gerais. É importante notar que, na maioria dos contextos, a palavra "ideologia" foi usada para denotar diretamente um perigo iminente ou uma ameaça. Quanto à distribuição das menções nos discursos, o discurso nº2 se destacou com o maior número de termos codificados, totalizando 9, seguido pelo discurso nº29, com 3 menções.

7.8. Análise Geral

Após observar todas as tabelas, têm-se um entendimento mais amplo sobre todos as categorias e subtemas mobilizados nos discursos em fóruns multilaterais feitos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, no âmbito da política externa. Levando em consideração o número de menções presentes nas tabelas de cada categoria, fica possibilitada a inferência de algumas informações, que ajudam a construir a totalidade de análise. Antes disso, faz-se necessário destacar qual foi o panorama geral da distribuição e da frequência de menções dentro das categorias.

Em primeiro lugar, surge a categoria Religião, que contou com o expressivo número de 40 termos codificados ao somar a presença de termos contidos em todos os subtemas que faziam parte dela. Em seguida, a categoria "Nacionalismo" contou com 32 expressões codificadas ligadas aos variados subtemas que a compunham. Logo após, em terceiro e quarto lugar, estão as categorias Comunismo e Conservadorismo com 23 e 20 menções cada no total, respectivamente. Por fim, as três últimas categorias em relação à quantidade de menções a termos vinculados a sua temática principal foram "Corrupção", com 16, "Ideologia", com 14, e "Globalismo", com modestas 2 menções.

Ao observar o panorama geral, é válido apontar que a categoria "Religião", com 40 menções ao todo, foi a mais incitada por Bolsonaro em suas falas. A partir disso, é possível inferir que este tema, ao ser profusamente mobilizado nos discursos do presidente, tem um caráter crucial na elaboração de sua política externa, uma vez que possibilita que Bolsonaro comunique-se com grande parcela da população brasileira, majoritariamente cristã. Por isso, ele procura incitar ameaças, como a ideia de que existe uma perseguição religiosa vigente contra cristãos, para que essa parte da população fique do seu lado, uma vez que ele se anuncia como um grande defensor e combatente do inimigo que estaria perseguindo-os.

Retomando a discussão sobre os discursos, ao analisarmos os números apresentados nos diagramas código-documento, fica evidente que o discurso com a maior quantidade de codificações em seu corpo textual foi, de longe, o pronunciado por Bolsonaro durante a 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, ocorrida em 2019, com um total de 59 codificações. Em seguida, com 17 codificações, temos o discurso da 77ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, ocorrida em 2022, seguido de perto pelo discurso da 76ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 2021, com 12 codificações.

Ademais, temos o Discurso na 75ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, realizado em 2020, com um total de 10 codificações presentes em seu conteúdo. Logo após, vêm os discursos no Fórum Econômico Mundial (2019) e na Sessão Plenária dos Chefes de Estado do Mercosul (2019), ambos com 8 codificações cada. Com uma quantidade considerável de codificações, também encontramos os discursos na Sessão sobre o Brasil no Future Investment Initiative (2019) e na Cúpula da Biodiversidade da Organização das Nações Unidas (2020), cada um com 5 menções. Além destes, o discurso na Plenária da IX Cúpula das Américas (2022) recebeu 4 menções.

O restante dos discursos figuram números relativamente baixos de codificação em seus textos, sendo o caso dos discursos na Reunião Plenária da LV Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados (2019), na Sessão Plenária da XI Cúpula de Líderes do BRICS (2019), na Reunião Plenária da LV Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados (2019), abertura da LVIII Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (2021), na Cúpula da Democracia (2021), na Cúpula do G20 (2020), na LIX Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (2021) e na Sessão Plenária dos Chefes de Estado do MERCOSUL (2019), com 1, 1, 2, 1, 1, 2, 2, e 1 codificações respectivamente.

Assim, constata-se que Jair Bolsonaro entendeu que o momento de fala do Brasil nas Assembleias Gerais das Nações Unidas, que o Brasil tem inclusive a responsabilidade de abrir, seriam momentos mais propícios para tratar das temáticas que são capazes de serem ferramentas retóricas para que haja a construção de figuras de inimigos, por meio de um enunciado carregado de alerta às ameaças que elas representam. Além disso, a fala na Assembleia Geral é vista como um momento propício para Bolsonaro reafirmar sua identidade, em muitas ocasiões usando a estratégia de diferenciação entre ele e o inimigo, uma vez que ele se dirige diretamente aos outros países membros das Nações Unidas.

Contudo, como destacado anteriormente, pelo teor das questões e dos tópicos levantados por ele nestes discursos, fica claro também que ele procura um diálogo direto com

a população brasileira, buscando, assim, que o povo se identifique com ele e o apoie. Não obstante, observa-se também que a grande maioria dos discursos que contaram com codificações se deram no ano de 2019, podendo denotar que o primeiro ano de seu mandato significou para ele uma maior liberdade para abordar as temáticas com mais agressividade, uma vez que, naquele momento, sua popularidade, e aprovação, estava elevada após ter sido eleito por uma maioria expressiva de votos na eleição ocorrida no ano anterior.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo apresentado, fica evidente a relevância da temática abordada para uma compreensão mais profunda da abordagem adotada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro na condução da política externa do Brasil durante seu mandato. Para alcançar essa compreensão, foram examinadas as características do populismo, particularidade do governo Bolsonaro, como uma lógica política, com um foco especial na criação de inimigos como um dos principais elementos. Considerando o argumento desenvolvido por Laclau, é crucial analisar o populismo a partir do antagonismo específico entre o povo e seus inimigos.

Portanto, com base na análise apresentada aqui, tornou-se evidente identificar os inimigos frequentemente mencionados por Bolsonaro em seus discursos, com o objetivo de estabelecer uma oposição entre o povo, ao qual ele se alinha, e o outro antagonista representado por vários significantes, tais como o socialismo, a ideologia, a corrupção, entre outros. Adicionalmente, a teoria desenvolvida por Campbell na área da política externa também se mostrou relevante para compreender as estratégias adotadas por Bolsonaro em seus discursos, nos quais ele procura estabelecer uma fronteira antagonica de distinção. A partir dela, foi possível compreender que isso é feito tanto para reforçar a identidade do Estado brasileiro perante outros atores, quanto para criar percepções de ameaças internas, a fim de mobilizar a população na identificação e gestão das potenciais ameaças apresentadas.

Além disso, ao analisar o histórico da política externa do governo Bolsonaro, tornou-se evidente como ele incorpora elementos do populismo na esfera da política externa e busca remodelar a identidade nacional do Estado, com o intuito de legitimar e fortalecer suas visões de extrema direita. Ao adotar essa abordagem, Bolsonaro estabelece um diálogo com a parcela da população que compartilha de seus valores, abrindo assim caminhos para obter legitimidade e apoio dessas pessoas em suas decisões políticas.

Considerando os resultados e conclusões derivados da análise, é plausível afirmar que o ex-presidente Bolsonaro, ao longo de seu mandato de quatro anos, intencionalmente criou inimigos por meio de sua retórica, empregando essa narrativa como uma tática estratégica

para consolidar uma base de apoio para seu governo. Esse processo foi conduzido com o suporte da metodologia de análise de conteúdo, a qual disponibiliza ferramentas que possibilitam inferências tanto de natureza quantitativa quanto qualitativa, contribuindo de maneira significativa para a obtenção de um resultado final substancial, assim como o que foi apresentado neste trabalho.

9. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. 223 p. ISBN 972-44-0898-1.

CAMPBELL, David. **Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. 263 p. ISBN 0-8166-221-3.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão; FARIAS, Déborah Barros Leal. **Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order**. Cambridge Review of International Affairs, 2021. DOI: 10.1080/09557571.2021.1981248

DE BARROS, Thomás Zicman. **The polysemy of an empty signifier: the various uses of Ernesto Laclau's puzzling concept**. Journal of Political Ideologies, Paris, France, 28 mar. 2023. p. 1-20. DOI 10.1080/13569317.2023.2196513. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/369588045>

BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. 1. ed. atual. São Paulo: Schwarcz s.a, 2022. 155 p. ISBN 978-65-5782-685-0.

FERREIRA, Elisa Cascão. **Teorias da conspiração e narrativas de política externa: análise do discurso do chanceler Ernesto Araújo e da mídia alternativa brasileira (2019-2021)**. Elisa Cascão Ferreira; orientador: Felipe Pereira Loureiro. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. 135 p.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá; SILVA, Irma Dutra de Oliveira. **Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment**. Rev. International Affairs, v. 97, n. 2, p. 345–363, 2021. Disponível em: https://www.cebri.org/media/docs/Guimaraes_Silva_Populism.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

JATOBÁ, Daniel; ANDRADE, Mateus. **Fragmentos Do Discurso Populista: A Dicotomia Amigo-Inimigo Na Retórica Do Governo Jair Bolsonaro**. Revista Neiba, Rio de Janeiro, v. 11, 26 out. 2022. Cadernos Argentina-Brasil, p. 01-20. DOI 10.12957/neiba.2022.67727|. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/67727>. Acesso em: 19 jun. 2023.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Conceptual Foundation**. In: KRIPPENDORFF, Klaus. Content Analysis: an introduction to its methodology. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004. Cap. 2. p. 1-411.

LACLAU, Ernesto. **On populist Reason**. London - New York: Verso, 2005. 252 p. ISBN 1-85984-651-3. Disponível em: <https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/09/On-Populist-Reason-by-Ernesto-Laclau.pdf>. Acesso em: 8 maio 2023.

LACLAU, Ernesto. **Towards a Theory of Populism**. In: LACLAU, Ernesto. Politics and Ideology in Marxist Theory: capitalism, fascism, populism. London: New Left Review Editions, p. 143-199, 1977.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-Guerra Fria** [recurso eletrônico] / Lucas Amaral Batista Leite. – 1. ed. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2013. ISBN 978-85-7983-469-1

LYNN DOTY, Roxanne. **Foreign Policy as Social Construction: A Post-Positivist Analysis of U.S. Counterinsurgency Policy in the Philippines.** *International Studies Quarterly*, Vol. 37, n. 3, 1993, p. 297-320. DOI:10.2307/2600810

MENDONÇA, Daniel de. **A crise da democracia liberal e a alternativa populista de esquerda.** *Simbiótica*, Vitória, v. 6, ed. 2, p. 31-50, 2019. ISSN 2316-1620.

MENDONÇA, Daniel de; RESENDE, Erica Simone Almeida. **A Especificidade do Populismo de Esquerda.** *História (São Paulo)*, v.40, e2021061, p. 1-18, 2021. ISSN 1980-4369. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2021061>

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: a very short introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2017.

PALUMBO, Renata. **Referenciação, Metáfora e Argumentação no Discurso Presidencial.** Orientador: Prof. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 272.

PLAGEMANN, Johannes; DESTRADE, Sandra. **Populism and Foreign Policy: The Case of India.** *Foreign Policy Analysis*. Oxford University Press, p. 283-301, 2019. DOI: 0.1093/fpa/ory010.

POSSENTI, Sírio. **Discurso.** In: CEALE, Glossário. [S. l.]: Faculdade de Educação UFMG, 2023. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/discurso>. Acesso em: 5 out. 2023.

SILVA, Danielle Costa da; RIBEIRO, Renata Albuquerque & CARVALHO, Tássia Camila de Oliveira. **A análise de conteúdo de pronunciamentos oficiais como metodologia interpretativa da política externa brasileira.** *Revista Eletrônica de Ciência Política*, vol. 6, n. 2, 2015.

SILVA, Mayra Goulart da; RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. **O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro.** DOSSIÊ – O Populismo e a Construção Política do Povo, Londrina, v. 26, n. 1, p. 86-107, jan-abr. 2021. DOI: 10.5433/2176-6665.2021v26n1p86

STEFANONI, Pablo. **Biblia, buey y bala...recargados: Jair Bolsonaro, la ola conservadora en Brasil y América Latina.** *Nueva Sociedad*, [s. l.], n. 278, p. 4-11, 2018. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Nuevasociedad/2018/no278/1.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

VILELA, Elaine; NEIVA, Pedro. **Temas e regiões nas políticas externas de Lula e Fernando Henrique: comparação do discurso dos dois presidentes.** *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 54, n. 2, p. 70-96, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292011000200004>.

WOJCZEWSKI, Thorsten. **Trump, Populism, and American Foreign Policy**. Foreign Policy Analysis, King's India Institute, King's College London, Strand, London, p. 1-20, 2019. DOI: 10.1093/fpa/orz021.